

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS

ARIELLE FARNEZI SILVA

**MULHERES, POLÍTICA E ABOLIÇÃO NAS CRÔNICAS DE
ARTHUR AZEVEDO:**

A formação de uma nação contada nas páginas da Imprensa Fluminense

UBERLÂNDIA

2015

2472 (m)
5.

ARIELLE FARNEZI SILVA

Monografia apresentada ao Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à
obtenção do título de graduação.

Orientadora: Dr. Daniela Magalhães da
Silveira.

FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA, Arielle Farnezi.

Mulheres, Política e Abolição nas crônicas de Arthur Azevedo: A formação de uma nação contada nas páginas da Imprensa Fluminense / Arielle Farnezi Silva - 2015.

Uberlândia, MG: [s.n], 2015

Orientadora: Daniela Magalhães da Silveira

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História.

1. Mulheres. 2. Crônica. 3. Imprensa Periódica. 4. Política. 5. Abolição. I. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História. II. Título

FOLHA DE APROVAÇÃO

MULHERES, POLÍTICA E ABOLIÇÃO NAS CRÔNICAS DE ARTHUR AZEVEDO:

A formação de uma nação contada nas páginas da Imprensa Fluminense

Uberlândia, 15 de Julho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Daniela Magalhães da Silveira

Prof. Dr. Ana Flávia Cernic Ramos

Prof. Dr. Ana Paula Spini

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa só se tornou possível graças a minha orientadora Daniela Silveira, então não poderia começar de outra forma se não agradecendo a ela. Conheci a Daniela no meu terceiro período do curso e, desde então, ela não me deixou desamparada: sempre me ajudou nos momentos difíceis, nunca abaixando a cabeça, mantendo-se otimista e me contagiando de alegria e esperança, mesmo quando a vida nos fazia trilhar caminhos inesperados. Foi paciente comigo, me ensinou como escrever e esteve comigo em todos os momentos de elaboração da monografia. Ela é o maior exemplo de mulher e profissional que alguém pode ter.

Ao longo da graduação, tive professoras que foram exemplos para mim e deixaram sua marca. À Ana Paula Spini, que foi a minha primeira grande professora, agradeço pelas aulas que me ensinaram mais do que conteúdo. Com ela aprendi o que é pesquisa e reforcei meus valores pessoais. É uma professora de uma ética inabalável que deve ser referência para qualquer um.

Conheci a professora Ana Flávia nas aulas de Tópicos Especiais em História Contemporânea; lá reli meus romances favoritos e conheci várias possibilidades de pesquisa que me animaram a planos futuros. Sua fala delicada e atenciosa – com todos os alunos – é tão marcante quanto sua inteligência e a paixão que nutre pela literatura.

À professora Maria Andréia, agradeço a boa vontade com que aceitou presidir minha defesa. As aulas de Estágio V e as reuniões do Colegiado foram mais do que suficientes para construir estima pela profissional dedicada que é.

Agradeço à minha mãe, meu padrasto e minha tia Ana Paula, que sempre me mostraram a importância do estudo e me deram todo suporte necessário. O apoio deles teve início no ensino infantil e, apesar de todas as dificuldades que passaram, nunca deixaram nada me faltar e me colocaram como prioridade em suas vidas.

Ao João Lucas, meus mais sinceros agradecimentos. Nos conhecemos no momento mais delicado do curso: quando fiz minha escolha de pesquisa em Métodos e Técnicas de Pesquisa em História. Em muitas ocasiões o nervosismo, a ansiedade e as incertezas tomaram conta de mim e ainda assim ele ficou do meu lado durante toda a produção da minha monografia, leu todos os meus textos e – mesmo não sendo estudioso

do tema – conseguiu me dar dicas interessantíssimas. Agradeço a paciência, o incentivo e a companhia nas longas horas que passei digitando meu trabalho.

Por fim, não poderia deixar de agradecer aos meus amigos, que fizeram os quatro anos e meio de curso muito mais felizes. Primeiro, devo meu agradecimento à Malu, que cursou comigo a maioria das disciplinas e à medida que ela se destacava mostrando todo seu talento, foi se tornando um exemplo pra mim. Ao Lucas Flávio agradeço a companhia nos longos dias que passávamos na faculdade e os conselhos – sobre relacionamentos e sobre a vida – que ele sempre me deu. Os dois me ajudaram nos trabalhos acadêmicos, dividiram comigo momentos de descontração e tentavam me acalmar quando me desesperava (o que acontecia com frequência). Sem esses dois teria sido impossível chegar até aqui.

O Lucas Reis estava comigo desde o começo do curso, mas foi apenas nos nossos últimos anos que descobri o bom amigo que ele é. Agradeço pelo carinho e preocupação que demonstrou ter por mim nesse período. Juntos passamos por conturbações amorosas e compartilhamos o peso que é a conclusão de um curso.

À Jéssica Reinaldo, Lorraine Dionísio e Olávio Bento – que não poderiam vir separados – agradeço os almoços, nossos planos e as conversas empolgantes sobre nossos filmes, séries e livros favoritos. Foi uma verdadeira terapia compartilhar as preocupações e anseios no nosso grupo – que também incluía o João Lucas. Ficar na companhia de pessoas com tanta coisa em comum foi maravilhoso!

RESUMO

Na década de 1880, a educação recebida pelas mulheres foi um assunto levado a sério pelos principais intelectuais do momento. Em 1881, o Liceu de Artes e ofícios do Rio de Janeiro – que oferecia aulas de desenho, arquitetura, inglês, música, história da arte, entre outras – que até então só admitia alunos do sexo masculino, passou a aceitar o ingresso de mulheres. A partir disso, a educação feminina passou a ser divulgada como uma necessidade social por literatos como Machado de Assis e Arthur Azevedo, por exemplo. Esta monografia tem como intuito analisar a educação pensada para mulheres que viveram no século XIX. Para tanto, foram utilizadas as séries “Croniqueta” e “De Palanque” – ambas escritas por Arthur Azevedo e assinadas com o pseudônimo Eloy, o Herói – presentes nos periódicos *A Estação* e o *Diário de Notícias*, respectivamente. A *Estação* foi uma revista carioca de moda destinada às mulheres que trazia um caderno de literatura. Foi publicada entre janeiro de 1879 a fevereiro de 1904. Por sua vez, o *Diário de Notícias* foi um noticiário, dedicado ao grande público, que circulou no Rio de Janeiro entre junho de 1885 a setembro de 1895. Aqui, analisarei as “Croniquetas” publicadas entre dezembro de 1885 a maio de 1888 e a série “De Palanque” publicada entre junho de 1885 a dezembro de 1886. Este recorte foi feito com o objetivo de compreender como um escritor que se declarava abolicionista, discutia com seu público questões relacionadas à abolição da escravidão. Para a realização do trabalho, foi importante também perceber como tais questões ganharam algumas especificidades, de acordo com o perfil do periódico e de seu público.

PALAVRAS-CHAVE

Mulheres; Crônica; Imprensa periódica; Política; Abolição.

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I	
Jornal para mulheres: Educação, Política e Abolição nas crônicas de Arthur Azevedo na <i>Estação</i>	15
1.1. <i>A Estação</i> , um periódico para toda a família.....	15
1.2. Páginas para elas: O perfil das leitoras d’ <i>A Estação</i>	21
1.3. As crônicas de Arthur Azevedo na <i>Estação</i>	27
1.4. A série “Croniqueta” e os últimos anos do Brasil Império.....	31
CAPÍTULO II	
“De Palanque”: Mulheres, Teatro e Abolição nas crônicas de Arthur Azevedo.....	48
2.1. Conhecendo o <i>Diário de Notícias</i>	48
2.2. Páginas para quem? O perfil dos leitores e leitoras do <i>Diário de Notícias</i>	53
2.3. Arthur Azevedo no <i>Diário de Notícias</i>	57
2.4. A série “De Palanque”.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
Eloy, o Herói: Um narrador entre dois periódicos.....	75
FONTES.....	84
BIBLIOGRAFIA.....	84

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte dos resultados de duas pesquisas de Iniciação Científica, realizadas entre 2013 e 2015. Em minha primeira pesquisa, analisei as crônicas de Arthur Azevedo, publicadas com o pseudônimo Eloy, o Herói, na revista de moda e literatura intitulada *A Estação*, no período de 1885 a 1888, levantando algumas temáticas específicas. Durante aquele estudo, descobri que Azevedo havia publicado no mesmo período outra seção de crônicas – “De Palanque” – assinadas com o mesmo pseudônimo, mas num periódico destinado ao grande público, denominado *Diário de Notícias*, o que me rendeu um segundo projeto de Iniciação Científica.

Minha monografia está dividida em três partes; dois capítulos e uma consideração final. No primeiro capítulo, intitulado “Jornal para mulheres: Educação, Política e Abolição nas crônicas de Arthur Azevedo na *Estação*”, aproveitei-me das pesquisas realizadas na Iniciação Científica de 2013-14; separei o capítulo por itens e, nos dois primeiros, dediquei-me a apresentar a estrutura da revista ao meu leitor e fiz um texto sobre imprensa periódica do século XIX, para, a partir disso, analisar o perfil das leitoras daquele periódico. Depois, expliquei ao leitor a dinâmica da série de crônicas de Arthur Azevedo – intitulada “Croniqueta” – publicada naquela revista, e, por fim, selecionei as crônicas que me possibilitavam falar sobre a formação educacional pensada para aquelas mulheres (principalmente as leitoras da *Estação*), a política brasileira, as eleições de 1886 e o processo que declarou o fim da escravidão no Brasil. Durante todo o capítulo, tive o cuidado de mostrar como todas aquelas temáticas eram tratadas pelo narrador em uma revista destinada ao público feminino.

O segundo capítulo, ““De Palanque”: Mulheres, Teatro e Abolição nas crônicas de Arthur Azevedo”, aproveitou-se das pesquisas realizadas na minha segunda Iniciação Científica, que teve início em 2014. Nele, tentei manter a estrutura do capítulo anterior; no primeiro item apresentei o *Diário de Notícias* e, no segundo, fiz uma análise do perfil dos seus leitores. Como tratava-se de um jornal destinado ao grande público, para entender quem eram aqueles leitores fiz uma análise das suas seções e anúncios, assim, descobri que, apesar de ser um jornal que tinham muitas seções pensadas para o sexo masculino, as mulheres também compunham o seu público. O item seguinte foi dedicado a mostrar a conturbada participação de Azevedo naquele periódico, o que

ajuda a entender a condução da série de crônicas. Por último, apresentei ao leitor a série “De Palanque”, publicada no *Diário*, e selecionei as principais crônicas que falavam sobre a educação destinada às mulheres, a preocupação do narrador com os teatros e alguns aspectos da escravidão no Brasil.

Nas minhas considerações finais, tentei perceber em que medida Arthur Azevedo influenciava Eloy, o Herói. Em algumas crônicas, podemos ver como a fala do narrador combinava com as ideias defendidas pelo próprio Azevedo, principalmente, quando o autor tinha uma opinião bem definida sobre determinado assunto, como, por exemplo, a abolição da escravidão. Tendo isso em conta, uma questão motivou a última parte da pesquisa que originou esta monografia: Eloy, o Herói foi um personagem que possuía fala independente do seu criador ou apenas um nome que partilhava das mesmas ideias de Azevedo? Antes de tudo, no entanto, é preciso conhecer um pouco do criador desse personagem.

Arthur Azevedo, criador do personagem Eloy, o Herói, foi um intelectual notável em sua época que deixou sua marca na história e, conhecer sua jornada é fundamental para a compreensão deste trabalho. Sendo assim, sua influência permeia acontecimentos importantes no cenário fluminense do século XIX, que merecem destaque para tentarmos compreender aspectos de momentos marcantes – como a crise da Monarquia e a causa abolicionista – na formação de uma identidade nacional.

Arthur Azevedo nasceu em São Luís, Maranhão, em 7 de julho de 1855, onde passou sua infância e parte da adolescência. Chegou à cidade do Rio de Janeiro em 1877, quando já tinha 18 anos. Era um escritor que, além de publicar em diversos periódicos cariocas, tinha paixão pela arte e por escrever peças teatrais. Azevedo integrou a Academia Brasileira de Letras e, à medida que se consagrava como escritor, ganhava espaço e credibilidade, sendo que, mais tarde, em 1908, após a morte de Machado de Assis, passou a ocupar o importante cargo público, que até então era de Machado, de Diretor Geral no Ministério da Viação e Obras Públicas.¹

Azevedo viveu um momento em que vários intelectuais – incluindo o próprio Arthur Azevedo – afirmavam ser o de decadência do teatro nacional. Para Azevedo, a

¹ Essas informações foram tiradas do site da Academia Brasileira de Letras: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=259&sid=281>

situação era bastante precária, pois não havia um teatro brasileiro e nem produção nacional, sendo a culpa atribuída ao poder público. Além disso, afirmava ser importante a criação da Sociedade de Teatro Brasileiro e posteriormente a construção de um Teatro Municipal.

Azevedo lutava constantemente para a criação de um Teatro Municipal e falava desse assunto em artigos e crônicas, presentes nas diversas revistas das quais foi colaborador, até que, na década de 1880, uma lei determinando a construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro foi promulgada. Além dessa causa, o escritor defendia a abolição dos escravos e isso aparecia diretamente em duas de suas peças dramáticas que estavam em cartaz: *O Liberato*, de 1881, e *A família Salazar*, de 1882, entre outras peças que faziam menção à escravidão.

O literato se consagrou com os gêneros opereta, teatro ligeiro e as revistas de ano que se tornaram suas conhecidas depois de uma viagem feita pela Europa. As operetas faziam sucesso em Paris em 1859, seguia o estilo dos cafés-concertos e Azevedo imaginou que fariam sucesso no Brasil. Além disso, segundo imaginava, a vinda dessas formas teatrais ao país significava que estavam progredindo e se modernizando, de acordo com os padrões europeus, o que agradava à elite, pois era essa a referência de modernidade tida por eles.

As operetas se tratavam de comédias populares que tinham como objetivo divertir o público e fizeram sucesso no Rio de Janeiro, porém eram desprezadas por boa parte dos intelectuais da época. Machado de Assis, por exemplo, dizia que as operetas faziam parte de uma cultura “sem o menor valor”, por não fazer parte da cultura erudita e sim popular.² Azevedo tinha conhecimento a esse respeito, porém, para ele, esse era um meio de fazer teatro no Brasil, pois agradava ao público e era uma forma de ganhar dinheiro. Por outro lado, nosso escritor buscava levar discussões políticas sutis (às vezes nem tanto) ao gênero.

No final do século XIX, existia uma discussão entre os intelectuais a respeito dos rumos do teatro brasileiro, principalmente na questão da valorização da produção nacional (e uma produção que fosse de qualidade) que até então não era encontrada aqui.

² Como afirma: MENCARELLI, Fernando Antonio. *Cena Aberta: A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1999.

Azevedo ainda via no gênero opereta um espaço para “nacionalizar” o teatro brasileiro, primeiro adaptando as narrativas francesas e depois criando suas próprias, já que até então o que fazia sucesso eram peças europeias.

A produção de Arthur Azevedo dependia diretamente do cotidiano do povo brasileiro, mais precisamente o carioca, e isso era refletido nas suas revistas de ano – que nada mais é que a narração de forma cômica dos principais acontecimentos passados no período de um ano. O autor se utilizava dos acontecimentos vividos e personagens da época em todos os gêneros com que trabalhava; nas crônicas, nas peças teatrais, nas revistas de ano, nos artigos, entre outros, o que dava o caráter popular a suas obras. Seu público deveria ser bem variado, pois sua produção abria um amplo espaço para discussões, diferentes pontos de vista e interpretações.

As revistas de ano surgiram em Paris no final do século XVII nas feiras da cidade e tinham como público alvo os que por ali passavam, ou seja, pessoas pertencentes às diversas classes sociais, no entanto as classes mais baixas não estavam presentes nesse meio. As peças eram criativas e a narrativa envolvente, recebendo melhorias no decorrer do século XVIII o que tornou o gênero bastante popular, concebendo a ópera cômica.

Com a modernização dos bairros e as amplas avenidas, a população parisiense no século XVIII encontrava na rua seu principal local de convivência. O teatro de feira não perdeu tempo: se mudou para salas nesses bairros modernos e ampliou seu público tornando-se mais popular. O gênero era um verdadeiro sucesso; divertia e rendia assunto ao espectador e dava lucro aos dramaturgos.

Azevedo, junto a vários intelectuais, julgava as operetas e revistas de ano como uma cultura inferior e decadente e achava necessária a “regeneração” do teatro, e é nesse momento que o autor encontra sua maior contradição, afinal foi ele quem consagrou o sucesso de tais gêneros. A permanência dos gêneros operetas e revistas de ano nos palcos brasileiros impedia o desenvolvimento do teatro nacional e a culpa disso era atribuída a Azevedo.

É importante considerar que existia uma razão para os literatos quererem essa “regeneração” e “nacionalização” do teatro brasileiro. O país se encontrava num período em que a Monarquia estava em crise e a ordem era criar uma identidade nacional. Azevedo declarava horror às operetas, porém dizia que aquele gênero poderia cumprir o

papel que o teatro dramático não conseguia desempenhar na sociedade carioca: o de criar um teatro nacional e contribuir na formação de uma cultura nacional.

O Brasil do final do século XIX se encontrava em um período de urbanização que afetou diretamente a produção cultural; essa modernização foi intensificada e houve um aumento na circulação de periódicos variados. Assim, surge aqui, um público que é influenciado por esses jornais e se torna mais exigente e sofisticado; o que pede certa modificação nas óperas cômicas.

Azevedo, em parceria com Moreira Sampaio, pôde modificar um pouco o gênero opereta com a peça *O Mandarin*, de janeiro de 1884. Eles aderiram ao gênero a “caricatura pessoal” que utilizava de forma satírica os acontecimentos políticos importantes da época. Até então as operetas eram um gênero menos voltado à literatura e mais focado no espetáculo.

Com o teatro sendo considerado essencial e o principal meio de divertimento no Rio de Janeiro, Arthur Azevedo dizia que o poder público deveria criar e administrar um Teatro Municipal. Para ele, era fundamental agradar seu público, que era amplo e fiel. E era assim que o literato respondia às críticas negativas que recebia sobre suas contradições; ele deveria antes de tudo agradá-los. É nesse momento que o próprio escritor diz dar “adeus ao ideal artístico” em prol do trabalho e do seu “ganha pão”.

Os gêneros operetas e as revistas de ano difundidos no Brasil por Azevedo podiam ser considerados como civilizadores para a sociedade; eles denunciavam e criticavam os chamados “males” que nela estavam presentes e possibilitava diversas formas de interpretação dos acontecimentos recentes, mostrando que também existiam ambiguidades na vida social.

Arthur Azevedo escrevia tanto suas peças, quanto seus contos e crônicas, para um público amplo que abrangia desde as classes baixas e médias até a elite letrada – podemos contar aqui os intelectuais, jornalistas, médicos, advogados, políticos, entre outros. Devido a sua forma de escrever, o autor foi definido pelos intelectuais da época como um “comunicador de massa”, justamente por optar se utilizar de uma fala popular. Alguns teciam duras críticas a seu respeito, dizendo que Azevedo estava desqualificando as letras

ao utilizar uma linguagem que passava longe da erudição, quando na verdade ele tentava dar acessibilidade ao povo.³

Podemos ver isso na sua forma de escrever: ele tratava de assuntos sérios e complexos com uma linguagem fácil de ser compreendida. Isso fica em evidência, quando um estudo das suas crônicas é feito. A partir de uma análise da trajetória desse autor, é possível afirmar que o Arthur Azevedo teatrólogo é o mesmo Arthur Azevedo escritor de crônicas: ambos marcados pela ambiguidade, mas preocupado em passar ao seu público uma mensagem a fim de instruí-los.

Azevedo foi colaborador dos jornais mais importantes que circulavam no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX; publicava em seções de crônicas, críticas teatrais, contos, traduzia folhetins, entre outras funções do gênero literário, de periódicos de diferentes perfis. O escritor teve uma colaboração destacável no *País* – um dos jornais de maior tiragem do Brasil – publicando ali crônicas, contos e textos teatrais durante 24 anos. Além dessas participações, Azevedo fundou, em 1880, sua própria revista, a *Gazetinha*, que tinha esse nome devido à *Gazeta da Tarde*, e custava apenas 20 réis – o projeto durou menos de 3 anos, mas foi bastante elogiado por Aluisio Azevedo, Raul Pompéia, José do Patrocínio entre outras figuras notáveis da época. É possível perceber que sua participação em cada periódico era longa, mostrando que ele era um escritor de confiança e talento. Sua dedicação a imprensa periódica durou mais de 35 anos.⁴

³ De acordo com: SICILIANO, Tatiana Oliveira, “Introdução” e “A Imprensa no Rio de Janeiro e o Jornalista Arthur Azevedo”. In: *O Rio de Janeiro de Arthur Azevedo: cenas de um teatro urbano*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.

⁴ Idem, p. 140.

CAPÍTULO I

Jornal para mulheres: Educação, Política e Abolição nas crônicas de Arthur

Azevedo na *Estação*⁵

1.1 – *A Estação*, um periódico para toda a família

A Estação – Jornal Ilustrado para a família foi uma revista publicada pela tipografia Lombaerts & Companhia, no Rio de Janeiro, possuía uma periodicidade quinzenal, e circulou entre 15 de janeiro de 1879 a 15 de fevereiro de 1904. A revista era dedicada à família, embora, de acordo com uma leitura inicial, seja possível apontar que a maior parte do público fosse composto por mulheres.

A Estação durou quase três décadas, o que para o século XIX é considerado um jornal bem sucedido, pois um grande número de periódicos daquele período duravam poucas edições, sendo poucos os que conseguiam completar mais de dois anos. Apesar de ser uma revista editada no Rio de Janeiro, *A Estação* conseguiu conquistar um grande número de leitores que pertenciam a diversas localidades brasileiras.

Essa foi uma revista dividida em dois cadernos: o primeiro direcionado à moda e o segundo compunha-se de textos literários, ambos bem ilustrados, com desenhos delicados. Suas páginas eram compostas por três colunas e cada número contava normalmente com dez páginas. As assinantes do periódico precisavam pagar 12\$000 para recebê-lo na corte e, nas províncias, o preço era alterado para 14\$000, pois se incluía o valor de seu transporte.

Logo na capa de cada número aparecia a “Chronica da Moda”, que era um texto sobre moda, ilustrado com imagens de mulheres muito bem vestidas, seguindo as tendências europeias e, principalmente, parisienses [Fig. 1]. Essa página de abertura compreendia ensinamentos sobre como deixar o marido e os filhos bem arrumados, indicando que esse era um dever das mulheres [Fig. 2, 3 e 4]. Além disso, ainda possuía dicas de como decorar a casa, de móveis sofisticados para mobiliar cada ambiente do lar,

⁵ Este primeiro capítulo aproveitou-se das pesquisas que realizei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) em 2013-14, com a orientação da Professora Daniela Magalhães da Silveira.

ensinamentos de economia doméstica entre outras práticas de etiqueta que deveriam ser do interesse daquelas mulheres.⁶

Entre 1872 e 1878, *A Estação* já circulava no Brasil, no entanto apresentava o título francês *La Saison* e continha apenas o caderno de moda. Os editores da revista consideraram a necessidade de colocar um fim em *La Saison – Edição para o Brasil* e a sua consequente transformação num periódico de produção nacional, pois acreditava que, com algumas modificações, o público leitor seria aumentado. Assim, com a mudança de nome, a revista manteve a publicação da moda francesa (que adaptava algumas vestimentas para o clima quente brasileiro) e adicionou o “Suplemento Literário”, que fora criado exclusivamente para a publicação da literatura nacional e fez d’*A Estação* um jornal destinado a toda família.

A edição francesa continha apenas o caderno de moda e seu público era limitado às mulheres. Colocar um caderno literário na revista pode ser um indício do interesse daqueles editores em ampliar o seu público, atingindo toda a família. Além disso, aquele novo espaço seria utilizado especificamente por autores brasileiros, com a função de divulgar uma literatura nacional. No texto de abertura da revista os editores afirmavam que:

Começa este número o oitavo ano do nosso jornal e foram tantas as provas de animação dispensadas a esta empresa desde o começo, pelo respeitável público em todo o Império, que afinal vemos coroados os esforços constantes, as lutas de sete anos prestes a serem coroadas do mais feliz êxito e cada vez mais nos aproximamos ao fim que desde o princípio nos propusemos: criar um jornal brasileiro indispensável a toda mãe de família econômica que deseja trajar e vestir suas filhas segundo os preceitos da época. Acabamos de folhear a coleção dos n^{os} publicados sob o título *La Saison – Edição para o Brasil* e não é sem experimentarmos um intenso sentimento de satisfação que vimos as

⁶ A decoração da casa estava diretamente ligada com a forma de a mulher se vestir naquele período. A mulher elegante deveria estar inserida em um ambiente tão refinado quanto suas roupas. A decoração ser a extensão da vestimenta feminina é uma expressão que aparece em: MALTA, Marize. “Fundo, detalhe e satisfação visual: decoração doméstica em *A ESTAÇÃO*.” In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de & VELLOSO, Mônica Pimenta (orgs.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

provas do pouco que temos feito, mas que muito foi para atingirmos ao alvo que almejávamos.⁷

A partir da leitura do “Suplemento Literário”, a leitora tinha a oportunidade de saber mais sobre as novidades culturais e políticas ocorridas na Corte. Poderia acompanhar as notícias sobre as últimas peças representadas nos principais teatros fluminenses, além de ler a produção literária de renomados literatos, como Machado de Assis, que publicou na revista desde o primeiro número em 1879, ler poesias de escritores, como Olavo Bilac e Guimarães Júnior, ou artigos de Júlia Lopes de Almeida, uma importante escritora da época, e contos e crônicas de Arthur Azevedo.

Foi justamente nesse espaço que apareceram publicadas as séries de crônicas de Arthur Azevedo, como a “Croniqueta”, assinada com o pseudônimo Eloy, o Herói. Azevedo possuía na *Estação*, além das “Croniquetas”, outra seção chamada “Theatros”, assinada com as letras X.Y.Z., com comentários a respeito das mais recentes peças teatrais, algumas de sua própria produção. Mais tarde, em 1888, ele iniciou uma seção de contos assinada com o seu próprio nome e que se localizava, na seção literária, acima das “Croniquetas”. Azevedo pode ser considerado, assim, um dos principais colaboradores daquele periódico.

As leitoras do periódico ainda podiam ler romances e contos que abriam o caderno de literatura, assinados por diversos autores, além de poesias, ensinamentos domésticos, partituras de piano e entretenimento que eram distribuídos em seções como “Horas de ócio”, “Livrinho de família”, “Croniquetas”, “Theatros”, “Variedades”, “Erros e Preconceitos”, “Poesia”, dicas de higiene, entre outras. O suplemento ainda contava com vários anúncios publicitários, colocados no final de cada página. As mulheres também poderiam encontrar, em algumas seções do “Suplemento Literário”, dicas sobre economia doméstica.

Às nossas amáveis leitoras, àquelas que principalmente nos acompanham desde 1872 perguntaremos: cumprimos nós fielmente o nosso programa, auxiliando e aconselhando as senhoras mais econômicas, fornecendo-lhes os meios de reduzirem a sua despesa, sem diminuição alguma do grau da elegância à que as obrigava a respectiva posição na boa sociedade,

⁷ A *ESTAÇÃO*, 15 de janeiro de 1879, VIII ano, n. 1, p. 01.

incutindo ou fortificando-lhes o gosto para o trabalho e moralizando a família à que, por seu turno, saberão incutir sentimentos iguais?⁸

A leitura de todas as seções presentes no periódico, de acordo com os princípios daquela época, possibilitaria uma formação completa para as mulheres, e era este o objetivo da revista. No trecho acima, encontrado no caderno de moda, temos indícios de quem eram as leitoras e qual era a intenção da própria revista. Os editores insistiam em falar, tanto no caderno de moda quanto no de literatura, sobre mulheres econômicas e em oferecer dicas de como economizar o dinheiro do marido, o que pode ser um forte indício da classe social que aquelas leitoras pertenciam.

⁸ A *ESTAÇÃO*, 15 de janeiro de 1879, VIII ano, n. 1, p. 01.



Fig. 1 - Imagem da primeira página da revista na qual se encontra a “Chronica da Moda”. Mostra como os desenhos e a estrutura do periódico eram bem delicados.⁹

⁹ A *ESTAÇÃO*, 15 de março de 1886, XV ano, n. 05, p. 01.

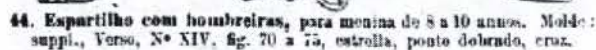
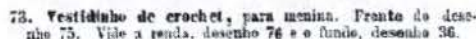


Fig. 2 - O espartilho era um dos maiores símbolos de elegância feminina. A imagem é um molde de espartilho para meninas de 8 a 10 anos.¹⁰



Explicação do figurino colorido N. 613.

Explicação do Agurino colorido N.º 618.
 Telleite com raios picados. A sua aplicação effectiva de restituição a tonalidade de brilho rizada, o corpo sobre o comprimento de raios, é de 18 a 16 de larga fada decolada.
 Costura com raios picados. Telleite decolada, de pormenor de cor clara, curvando de bordado azul e encarnado.
 Telleite com arrugado. A sua aplicação effectiva de restituição a tonalidade de brilho, o corpo sobre o comprimento de raios, é de 18 a 16 de larga fada decolada.
 Telleite com raios picados. A sua aplicação effectiva de restituição a tonalidade de brilho, o corpo sobre o comprimento de raios, é de 18 a 16 de larga fada decolada.



¹⁰ A *ESTACÃO*, 15 de Janeiro de 1885, XIV ano, n. 1, p. 05.

Fig. 3 e 4 - As duas imagens estão no caderno de moda da revista e dão dicas para as leitoras de como as senhoras deveriam vestir suas crianças.¹¹

1.2 – Páginas para elas: O perfil das leitoras d'*A Estação*

O romantismo vê na mulher moderna uma esperança de mudança, de transformação social. A transformação feminina se dá pela via de transgressão às leis sociais vigentes, por isso, o romantismo apresenta uma profusão de personagens femininos marginais (prostituta-anjo, *grisette*, cigana), que preparam a estrutura para a emergência de uma mulher que vai livrando-se do peso secular das hierarquias que a sociedade patriarcal lhe impôs, deixando surgir, progressivamente, uma mulher que procura apresentar-se como sujeito da modernidade.¹²

Nas últimas décadas do século XIX, o Brasil aboliu a escravidão e se tornou uma República. O período testemunhou a tentativa de se formar uma identidade nacional brasileira, e essa questão tornou-se pauta na literatura, na imprensa e no teatro. Além das transformações culturais que os intelectuais daquele momento aclamavam, eles também começaram a discutir sobre as mudanças no papel da mulher naquela sociedade. Assim, para estabelecermos uma melhor relação entre as fontes deste trabalho e a questão de gênero, um breve mapeamento deste século, em torno das três formas de expressão cultural destacadas logo acima, é fundamental.

Na primeira metade dos oitocentos no Brasil, as diferenças sociais eram fruto de uma política conservadora e presa às tradições: as mulheres, por exemplo, não tinham permissão para estudar, enquanto os homens, mesmo os pobres, poderiam ter acesso à educação. Essas mulheres mantinham uma forte dependência dos homens de suas famílias, pois não saber ler ou escrever provocava inúmeras restrições em seu domínio.

Entretanto, bem como é mostrado no texto “A última vontade de Dona Inácia: o patriarcado confirmado”, de Sandra Graham, o espaço das mulheres, aos poucos, foi se

¹¹ A primeira imagem: *A ESTAÇÃO*, 30 de junho de 1885, XIV ano, n. 12, p. 09. A segunda imagem: *A ESTAÇÃO*, 31 de janeiro de 1886, XV ano, n. 2, p. 06.

¹² OLIVEIRA, Cláudia. “Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado.” In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de & VELLOSO, Mônica Pimenta (orgs.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p. 163.

transformando. Nas últimas décadas do século XIX, as meninas passaram a frequentar a escola e aprender a ler e escrever, ampliando seus anseios entre os homens. A autora aponta que as mulheres letradas e ricas ou as viúvas possuíam certa autonomia - existindo também casos de mulheres solteiras e pertencentes a famílias ricas que engravidavam. Isso mostra que, mesmo em uma sociedade em que certas práticas eram mal vistas e proibidas, principalmente pela Igreja Católica, algumas mulheres poderiam burlá-las e até mesmo ser apoiadas pelas suas famílias.

E é em meio a essas transformações que, na segunda metade do século XIX, o Brasil ganha ares de modernização, nos âmbitos econômicos e principalmente sociais. A elite ansiava por desenvolvimentos no país espelhados nos modelos europeus ao mesmo tempo em que desejava a formação de uma cultura que fosse brasileira. Dessa forma, a literatura, junto com o teatro, foi um dos espaços mais eficazes encontrados para o desenvolvimento do sentimento nacional naquele povo. Os intelectuais daquela época diziam que o teatro e a literatura eram um meio de “civilizar” a população; era uma forma da elite “educar” os pobres.

Indo ao encontro de tal fato, embates entre os literatos e os rumos pelos quais a literatura brasileira devia seguir, para atingir ou refutar o objetivo de encontrar a civilidade e a nacionalidade do povo, eram intensas. Enquanto os romancistas brasileiros anteriores à década de 1870 seguiam uma literatura bastante tradicional, falando da natureza tropical, dos hábitos indígenas, da servidão, entre outros temas, os intelectuais adeptos aos gêneros do realismo, naturalismo e parnasianismo, por exemplo, pregavam por uma discussão social, de temas que refletiam os acontecimentos e impasses de seu próprio tempo.¹³

Tais intelectuais diziam que os romances de até então mostravam costumes que a nação já deveria considerar impróprios ou mesmo antiquados para aquele momento. A servidão ou a obediência deviam ser tratadas de forma crítica, já que a promulgação das leis Eusébio de Queiroz, de 1850, que proibia o tráfico negreiro, e a Lei do Ventre Livre, de 1871, que garantia a liberdade aos filhos de escravas, indicavam que a sociedade brasileira estava em transformação e a escravidão estava por tomar rumos

¹³ Essa discussão tem como base o texto de Leonardo Affonso de Miranda Pereira. “A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do império”. In: GRINBERG, K. & Salles, R. (orgs.). *O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

diferentes. Dessa forma, esses movimentos sociais deveriam estar incluídos nos temas daqueles romances, pois a literatura é uma forma de expressão social.

Contudo, o problema da formação de uma nova identidade literária brasileira não dizia respeito apenas à literatura, mas estava diretamente ligada à formação de uma identidade nacional do país. O que os intelectuais daquela época queriam era romper com a tradição e a ideia de servidão, queriam mostrar que aquilo não era algo positivo, encontrando nas crônicas e nos contos o melhor espaço para levar tais discussões aos seus leitores e leitoras.

Dessa maneira, é válido levantar pontos sobre o texto “A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do império”, de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, que analisa justamente esse embate entre o tradicional e o moderno, contrapondo autores como José de Alencar e Machado de Assis – respectivamente citados aqui, de acordo com seus anseios e características literárias.

Segundo Pereira, na tentativa de criar uma literatura nacional, com o romance *O guarani*, de 1857, Alencar acreditou e defendeu que seria possível a formação de uma nação “forte e original” se unissem os costumes e heranças indígenas e portugueses. Já em 1876, Machado de Assis criticou os males do viés tradicionalista ao publicar na revista *Ilustração Brasileira* uma crônica sobre a crise política na Turquia, onde um sultão autoritário e violento perdeu todo o seu poder.

Ao evidenciar o arbítrio associado à tradição no caso turco, Machado de Assis chamava a atenção de seu público para a precariedade de uma ideologia que, também baseada no respeito à tradição, servia ainda como uma das bases de sustentação não só da literatura brasileira, mas da própria identidade afirmada por seu intermédio.¹⁴

A crônica que relata uma situação que poderia ser associada com a realidade brasileira¹⁵ demonstra o desejo desses intelectuais, como Machado de Assis, de se romper com o arcaico e discutir questões modernas e que estavam em xeque já nas últimas décadas do século XIX. Temas como as consequências e impasses da libertação dos escravos, e os termos sociais desses escravos, após sua libertação, eram (e deviam ser,

¹⁴ Idem, p. 279.

¹⁵ Conforme mostra Leonardo Affonso de Miranda Pereira em seu texto “A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do império”.

segundo esses literatos) recorrentes, mas não estavam sós nas discussões da época. A questão da condição feminina, que é um dos pontos deste trabalho, merece todo destaque.

O próprio texto de Leonardo Pereira nos leva a pensar sobre como a condição feminina era mostrada nos romances oitocentistas. Segundo o autor, as obras no estilo do nacionalismo romântico – como José de Alencar – enfatizavam muito a relação de dominação, e não só entre senhor e escravo, como também entre homem e mulher. Essa literatura consagrava o papel das mulheres como submissas aos homens, tentando lembrar o que acontecia na sociedade brasileira; as mulheres eram apenas esposas e mães, não possuíam voz, muito menos independência.

Entretanto, nas últimas décadas do século XIX, o rompimento com as tradições, que estavam acontecendo devido aos movimentos sociais, interferiu diretamente no universo feminino e no modo como essas representações literárias se forjavam. A maternidade e o papel da mulher começaram a ser questionados por intelectuais da época que acreditavam que essas funções deveriam ser valorizadas e vistas por outro ângulo. É importante destacar que aquele era um momento em que as palavras de ordem eram reformas e modernização, logo isso ajudaria as mulheres a encontrarem um espaço mais amplo no domínio público e condição de vida igualitária no privado.

Nesse domínio público, o caráter de desenvolvimento e transformação se estendia também em algumas revistas, que seguiam os modelos europeus. O conteúdo voltado para assuntos culturais e políticos – mesclando humor, ilustrações e anúncios publicitários – evidenciava o público principal: a mulher. Tais revistas, dedicadas a elas, como *A Estação*, por exemplo, ainda incluíam muitas seções sobre o ambiente doméstico ou a maternidade, desempenhando a função de informar e também de interferir na vida das leitoras. É importante ressaltar que o universo em destaque é o das mulheres com boa condição financeira.

A publicidade ou a divulgação das tarefas maternas da mulher nessas revistas, de tal modo, afirmava a valorização dessa prática e mostrava que aquela mulher estava sim conquistando um espaço mais amplo no âmbito público.

De maneira geral, o papel da mulher brasileira, fosse ele definido em termos da domesticidade ou da complementaridade, era sempre valorizado nas revistas, que alertavam ainda para a sua crescente

complexidade, argumento que justificava a necessidade da educação feminina. Possivelmente a insistência em normatizar o comportamento das mulheres fosse decorrente dessa valorização e visava “prepará-la” adequadamente para sua inserção no espaço público.¹⁶

Mas afinal, quem eram aquelas mulheres que liam *A Estação*? No século XIX, o desejo de várias mulheres, principalmente aquelas que possuíam algum poder financeiro, era fazer um casamento vantajoso financeiramente e construir uma família. *A Estação* com todas as suas seções oferecia para aquelas mulheres a oportunidade de se tornar uma dona de casa prendada, uma esposa ideal; essa era uma das justificativas do sucesso da revista entre o público feminino.¹⁷ Nas próprias páginas da revista, como, por exemplo, nos contos ou mesmo em imagens, era possível encontrar algum incentivo ao casamento.¹⁸

Após um estudo da revista, é possível fazer um levantamento sobre o seu público leitor por meio de notícias que os próprios colaboradores nos dão em suas seções. É certo que o caderno de moda é dedicado exclusivamente às mulheres, porém a parte literária deveria contar também com alguns leitores do sexo masculino. Enquanto a revista foi apenas uma extensão da francesa *La Saison*, o público era composto somente por mulheres, mas com a inclusão do caderno literário alguns homens deveriam ter o interesse pelo periódico despertado, afinal política e notícias do parlamento eram contadas em seções como a “Croniqueta”. Normalmente esses homens não eram assinantes, mas quando casados liam o exemplar de suas esposas. Posso afirmar isso a partir da leitura da seção “Correspondência”, em que os leitores podiam enviar comentários pessoais e algumas cartas eram assinadas por homens.

Como a maior parte do público era feminino, o primeiro caderno da revista, que fala especialmente sobre moda, fornece-nos indícios de quem eram aquelas mulheres. No periódico existem textos sobre como se comportar e dicas sobre moda presentes na seção “Chronica da moda” ou “Correio da moda”. Essas partes falavam de hábitos franceses e modas da alta costura que normalmente eram seguidos pelas leitoras, e é possível afirmar

¹⁶ FREIRE, Maria Martha de Luna. “Introdução” e “As múltiplas faces da mulher moderna”. In: *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2009, p. 53.

¹⁷ Esse desejo era incentivado e representado em revistas como *A Estação*. É importante lembrar que na segunda metade do século XIX, aquela sociedade estava em transformação e o espaço feminino acompanha essas modificações; a mulher estava se desligando de certas tradições ligadas ao patriarcado.

¹⁸ Estas ideias baseiam-se na monografia de MEGID, Daniele. *Mulheres de Jornal: personagens femininas em romances-folhetins de Machado de Assis*. Monografia: Campinas, 2009.

que as mulheres que se interessavam por tais assuntos e seguiam aquelas tendências tinham um alto poder aquisitivo, pois se vestir daquela forma custava caro. É possível que muitas mulheres não tão ricas pudessem também compor o público da revista, pois podiam ter acesso àqueles vestidos com tecidos de preço mais acessível; elas desejavam fazer parte do universo da elite, então copiar o modo de vestir e se comportar das mulheres sofisticadas era algo possível.

A seção de moda com suas muitas ilustrações e moldes de vestidos e bordados detalhados nos faz pensar se aquele público era composto exclusivamente pela elite e por mulheres com algum poder financeiro. As crônicas sobre moda mostram que o público se estendia também às costureiras que achavam utilidade em todas aquelas dicas. Além das costureiras, algumas mulheres pobres poderiam ler a revista, pegando emprestada com alguma amiga ou com a patroa. Essa prática de empréstimo era de conhecimento da folha e em várias notas os próprios editores mostram reprovação ao costume. Na seção “Correspondência”, por exemplo, onde os responsáveis da *Estação* respondiam cartas enviadas pelos seus assinantes, o desgosto com relação aos empréstimos e o prejuízo que isso causava fica claro:

Se todos fossem como Vs. Ex. a *Estação* poderia estar mais perfeita, pois os próprios assinantes aproveitam do progresso que vai tendo o jornal. O que tem demorado a marcha progressiva da nossa folha é não ser cada leitor assinante. É infelizmente muito maior o número dos que aproveitam-se do jornal sem o pagar, do que os que assinam.¹⁹

Outro indício sobre o perfil daquelas leitoras aparece no valor que a revista era vendida. A assinatura poderia ser anual ou semestral e seu valor de venda para a corte era de 12\$000 anual e 7\$000 semestral, e o preço para as províncias era de 14\$000 anual e 8\$000 para um semestre e não era possível comprar apenas um caderno. Para a época, este era um preço considerável, logo não era qualquer leitora que tinha acesso ao periódico e a própria revista levava isso em conta. Por outro lado, é importante considerar que a tiragem da revista era alta, então pode-se afirmar que, para compor o público leitor, aquelas senhoras participavam de diversas classes sociais.²⁰

¹⁹ A *ESTAÇÃO*, 28 de fevereiro de 1888, XVII ano, n. 4, p. 12.

²⁰ No texto “*A locomotiva intelectual*”: a publicação dos contos de Machado de Assis nos periódicos fluminenses, a historiadora Daniela Magalhães da Silveira diz que eram vendidos cerca de cem mil exemplares da *Estação* por edição. Ela ressalta que esse número pode não corresponder com a tiragem

De acordo com a própria estrutura da revista, o perfil das suas leitoras é o de mulheres pertencentes a uma elite conservadora e presas ao ambiente doméstico. O caderno de moda ensinava àquelas mulheres como deveriam se vestir, como deveriam agir, como sua casa deveria ser decorada, ensinavam economia doméstica para as esposas não abusarem do dinheiro do marido²¹, ensinavam a cuidar da família, incentivavam as mulheres a tocarem piano (às vezes o caderno trazia partituras de músicas), falavam de arte, entre outros ensinamentos. Em algumas seções do caderno literário, como, por exemplo, os contos e as crônicas, a visão sobre o espaço feminino foi se modificando. Agora, com a adição do suplemento literário, os assuntos não se limitavam ao lar, falava-se também sobre política. Os contos que abriam a segunda parte da revista ou mesmo as “Croniquetas” mostravam novas possibilidades e espaços para as mulheres do século XIX.

A combinação entre a necessidade de reduzir despesas e a exigência de certa elegância é indicativa de uma classe que, embora não seja a dominante, está muito próxima desta, participando dos mesmos círculos sociais. Pode-se dizer, portanto, que *La Saison* centrava sua atenção, de modo particular, na classe média burguesa, em que a mulher era a principal responsável pela vida elegante da família.²²

A literatura está de alguma forma ligada à política e aos movimentos sociais em seu momento de produção, e em alguns dos contos e crônicas presentes na *Estação* isso não era diferente. A revista foi produzida em um momento em que o país ansiava por transformações, como a abolição da escravidão, por exemplo, e a emancipação do sexo feminino também estava em pauta.

1.3 – As crônicas de Arthur Azevedo na *Estação*

real, mas mesmo assim é bastante significativo. Para ter uma noção de como esse número era bastante elevado, basta fazer uma comparação com outro jornal de grande circulação do mesmo período, o *Diário de Notícias*, que tinha a tiragem de 21.000 exemplares. Texto disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/ORDEN%20ALFAB%20C9TICA/Daniela%20Magalh%20E3es%20da%20Silveira.pdf>.

²¹ Este é outro indício de que grande parte do público leitor do periódico era composto por mulheres da classe média, pois se preocupar com a economia doméstica não correspondia com o universo das mulheres pertencentes à elite.

²² CRESTANI, Jaison Luís. “O perfil editorial da revista *A Estação: jornal ilustrado para a família*”. *Revista Anpoll*, Vol.1, nº25, 2008. p. 328.

Na década de 1880, a educação recebida pelas mulheres foi um assunto levado a sério pelos principais intelectuais do momento. Em 1881, o Liceu de Artes e ofícios do Rio de Janeiro (que oferecia aulas de desenho, arquitetura, inglês, música, história da arte, entre outras matérias) que até então só admitia alunos do sexo masculino, passou a aceitar o ingresso de mulheres. A partir disso, a boa educação feminina passou a ser vista como uma necessidade social por homens de letras como Machado de Assis e Arthur Azevedo.

O artigo *Cherchez la femme*, de Machado de Assis, que foi publicado originalmente na revista *A Estação*, é uma carta em defesa da boa educação como forma de independência para as mulheres. O texto foi publicado na última página do caderno de moda, antes de ser início o suplemento literário, e vinha anunciando a abertura de vagas para o sexo feminino no Liceu de Artes e ofícios. Na narrativa, o escritor mostra duas possibilidades diferentes que essa nova instrução causaria na formação feminina: uma mulher bem instruída pode entender o homem, seu companheiro ao mesmo tempo que foge da ideia de suas qualidades tradicionais. Ainda para Machado “a mulher é a estrela que leva o homem pela vida adiante, e que principalmente as leitoras d’*A Estação* merecem o culto de todos os espíritos elegantes. Basta-nos isto: educar a mulher é educar o próprio homem, a mãe completará o filho.”²³

A colaboração regular de Arthur Azevedo, na revista *A Estação*, começou em 31 de julho de 1884, na seção “Teatros”, na qual o cronista criticava as mais recentes peças teatrais apresentadas na corte, utilizando-se para tanto o pseudônimo X.Y.Z; no ano seguinte, após conquistar a simpatia dos editores da folha, o escritor estreou a série de crônicas “Croniqueta”. Anos mais tarde, em 30 de junho de 1888, Arthur Azevedo deu início a escrita de mais uma seção, intitulada “Contos”, a qual era assinada com o seu próprio nome, que aparecia logo abaixo do romance que abria o caderno literário. Com a longa duração de todas essas seções, é possível concluir que a participação de Azevedo naquele periódico, além de ter sido bastante intensa, era bem aceita por seu público leitor.

Arthur Azevedo iniciou a publicação da série “Croniqueta” em 15 de dezembro de 1885, assinando com o pseudônimo Eloy, o Herói. Essa publicação estendeu-se até 15 de dezembro de 1903, um ano antes do fim da revista. As crônicas encontravam-se, normalmente, abaixo do romance ou conto que abria o caderno de literatura e aparece,

²³ *A ESTAÇÃO*, 15 de agosto de 1881, X ano, n. 15, p. 08.

em algumas edições, separadas por anúncios publicitários que vinham no final da página ou algumas imagens diversificadas.

Eloy, o Herói sempre dividia suas crônicas por temáticas, que eram organizadas por asteriscos e, na maioria das vezes, essas partes “conversavam” entre si. O tamanho da letra utilizada nessa seção era menor que aquela do romance ou conto e também o espaço reservado a ela era bem menor.

As “Croniquetas” continham uma forte crítica política, de modo que é possível realizar um levantamento daquilo que mais interessava ao seu escritor e às leitoras previstas por ele. Essas crônicas são uma rica fonte de pesquisa, pois nelas são narrados, mesmo que de maneira rápida, fatos do cotidiano daquela sociedade e acontecimentos políticos. Podemos encontrar em uma só crônica diversos assuntos que são contados de maneira leve. Percebemos que esses assuntos, normalmente, possuem uma continuidade nas crônicas seguintes e, com todas essas características, é nesta seção que o periódico mantém uma relação mais direta com as temáticas e discussões mais atuais e que deveriam interessar aos seus leitores e leitoras. No período em que essas crônicas foram escritas, o Brasil passava por grandes transformações, como a crise da Monarquia e a amplificação da divulgação de ideais abolicionistas. Esses temas eram bastante recorrentes nas “Croniquetas”. Diante disso, essa fonte de pesquisa:

Dessa forma, as revistas ilustradas do Rio de Janeiro do século XIX – [...] – são avaliadas como importantes fontes de pesquisa que possibilitam verificar um aspecto importante da história do Brasil durante o Segundo Reinado. Em outras palavras, esses jornais permitem analisar a política de seu tempo, sobretudo como a questão republicana se desenvolveu na corte, ou seja, no centro das decisões políticas do Império.²⁴

Na leitura das “Croniquetas”, entre 1885 e 1888, Eloy, o Herói traz diversos assuntos que julgava ser de fundamental importância para o conhecimento das suas leitoras. Ele mostra sua preocupação com a formação cultural e com a educação daquelas mulheres, mas se mostra preocupado principalmente com o conhecimento de arte, teatro, música e economia doméstica. O cronista afirma: “Sem boa música e bons quadros não

²⁴ LOPES, Aristeu Elisandro Machado. “Alegorias femininas da República: a campanha republicana e os periódicos ilustrados no Rio de Janeiro oitocentista.” In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de & VELLOSO, Mônica Pimenta (orgs.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p. 155.

há educação possível.”²⁵. Após a leitura de algumas crônicas é possível perceber que a característica principal das “croniquetas” é a diversidade de assuntos, conforme ocorria com outras séries de crônicas àquela época.

Da aparente contradição entre a leveza anunciada pelos cronistas e a cuidadosa elaboração de suas séries; da tensão entre a tarefa de comentar a realidade e o intuito de transformá-la; e da variedade de formas e temas por ela assumidas, define-se enfim um perfil para a crônica.²⁶

E eram essas as características das crônicas emergentes nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX no Brasil. Teatro, festas, arte, medicina ou assuntos científicos, eleições, abolição e, principalmente, as transformações políticas de modo geral, eram os temas preferidos pelos cronistas. A *Estação*, e outras revistas dedicadas ao público feminino, tinham preocupação com mais um tema: a educação que aquelas mulheres recebiam.

Então as principais temáticas que apareceram nas “Croniquetas” estão relacionadas com a arte e a cultura. O cronista também relata alguns acontecimentos recentes com figuras importantes da corte, fala de política e, em especial, sobre as eleições e a corrupção de alguns políticos. Segundo Eloy, o herói, política não era um assunto de interesse das mulheres, embora essa fosse uma das principais temáticas discutidas em seus textos.

Saber o posicionamento de Eloy, o Herói a respeito do espaço que as mulheres deveriam ocupar na sociedade é uma tarefa bastante complicada, pois além de ambíguo o cronista é contraditório, o que dificulta a busca por vestígios das intenções do autor em sua produção. Em suas crônicas, ele insistia em dizer que as mulheres não se interessavam por política e que o ambiente que elas deveriam ocupar era mesmo o doméstico. Podemos tomar isso como uma provocação, já que o narrador mantinha discussões políticas presentes na maior parte das suas crônicas. Como ele insistia em tratar do assunto, é possível aventar que as leitoras da revista deveriam ter algum conhecimento da temática e compreendiam as relações propostas pelo cronista.

²⁵ A *ESTAÇÃO*, 15 de janeiro de 1886, XV ano, n. 1, p. 04.

²⁶ CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas: Capítulos de História Social da Crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. p. 19

Neste capítulo, analisarei as crônicas publicadas entre dezembro de 1885 a maio de 1888, pois estas tratam do período antecedente à abolição da escravidão, de modo que é possível observar alguma coisa a respeito do posicionamento de Eloy, o Herói diante dos acontecimentos que levaram à assinatura da Lei Áurea, além de informar alguma coisa sobre o cenário dos últimos anos do Brasil Império.

1.4 – A série “Croniqueta” e os últimos anos do Brasil Império

A *Revista* adquiriu uma importância no cenário da imprensa e da política oitocentista devido, principalmente, a sua defesa da causa abolicionista. Os demais periódicos, de igual maneira, abordavam em suas páginas não só a escravidão, como outras questões relevantes da vida política do Segundo Reinado. A política foi um dos temas que ocupou um espaço significativo das páginas dos periódicos que, noticiavam e/ou criticavam a política do Império e seus desdobramentos. A campanha republicana, surgida, oficialmente, no Rio de Janeiro, em 1870, com a fundação do Partido Republicano, foi uma das temáticas políticas comentada pelos responsáveis por esses jornais.²⁷

Na segunda metade do século XIX, o Brasil foi tomado por campanhas abolicionistas. Essas campanhas foram divulgadas pela imprensa, por periódicos aparentemente descompromissados com a causa, através de crônicas e também em caricaturas que apareciam nos jornais ilustrados da época. Arthur Azevedo foi um dos escritores e teatrólogos que em sua carreira elaborou importantes peças teatrais em prol da abolição como: *O Liberato*, de 1881, *O escravocrata*²⁸, de 1884, que teve a colaboração de Urbano Duarte, entre outras, além das suas publicações em importantes revistas e jornais da época.

O teatro foi naquele momento um espaço no qual o povo poderia ter um contato mais próximo com os intelectuais e refletir acerca das ideias ali encenadas. Diversas

²⁷ LOPES, Aristeu Elisandro Machado. “Alegorias femininas da República: a campanha republicana e os periódicos ilustrados no Rio de Janeiro oitocentista.” In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de & VELLOSO, Mônica Pimenta (orgs.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p. 141.

²⁸ De acordo com o site da Academia Brasileira de Letras, a peça *O escravocrata* antes recebia o nome *A família Salazar*, mas devido a censura imperial da época foi proibida. Mais tarde Azevedo e Urbano Duarte mudaram o nome da peça e a mesma foi publicada.

produções teatrais de caráter abolicionista foram, especialmente, a partir de meados de 1870, fazendo do teatro não o principal palco da campanha, mas um importante aliado. É bom lembrar que o teatro foi o primeiro veículo que retirou as discussões e campanhas contra a escravidão do parlamento e levou até o povo.

É importante ressaltar que vários dentre os periódicos daquele momento serviram para a divulgação de ideais abolicionistas, e contavam com a participação de figuras fundamentais e atuantes na causa, como José do Patrocínio, Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, entre outros políticos.

As crônicas de Arthur Azevedo, assinadas por Eloy, o Herói, foram escritas nesse cenário e nos mostram um pouco do posicionamento daquele escritor diante dos acontecimentos que rondavam o Império. É possível perceber como o cronista reagia às principais questões de seu tempo e, especialmente, como se posicionava diante dos debates em torno do fim da escravidão no país. Para mostrar como o tema era abordado por Eloy, o Herói e qual sua posição a esse respeito, destacarei algumas de suas crônicas.

Podemos ver como Eloy, o Herói fala de alguns desses temas com suas leitoras na crônica publicada em 15 de dezembro de 1885; ela está presente na segunda página do caderno literário e é dividida, por asteriscos, em 7 partes, que tratam de diferentes assuntos. A crônica começa com o narrador falando que a alta temperatura na corte faz com que não só ele fique em casa, mas também boa parte da população carioca que por causa disso deixava de frequentar os espaços de dança e jogos. É comum encontrar nas “Croniquetas”, e em outras crônicas do século XIX, o narrador dizendo que por conta do calor excessivo ou da chuva não havia assunto. Essa era uma estratégia buscada por vários cronistas, conforme pode ser observado em algumas análises contidas na coletânea *História em Cousas Miúdas*, para estabelecer um tom pessoal na narrativa, criando uma relação de diálogo com seu leitor.²⁹

Na segunda parte da crônica, Eloy, o Herói, comenta sobre uma reunião para a entrega de cartas de liberdade a escravos que ficou marcada pelas palavras do Imperador. Desse modo, o narrador da crônica afirma que: “Durante a cerimônia da entrega de um <<bandão>> de cartas de liberdade, o que mais me deu no gosto foram as palavras do

²⁹ CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas: Capítulos de História Social da Crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

nosso grato soberano: <<Espero em Deus não morrer sem deixar livre no Brasil o último escravo>>.”³⁰

Aqui, não podemos deixar de compreender de que maneira Arthur Azevedo via Dom Pedro II; como o Imperador frente às questões abolicionistas. Mesmo que por meio de seu pseudônimo, conferir tais palavras ao monarca (adjetivando-o antes como “grato”), confirma o que pode ser lido em outras “croniquetas”: o *status* de bom Imperador que o neto de D. João ganhou do nosso autor. A esse fato podemos até mesmo levantar questões sobre como D. Pedro II dialogava com as disputas de emancipação dos escravos.

O Imperador, que era visto como um homem desapegado da vida luxuosa, forjado até mesmo como um monarca do povo, podia ser considerado um defensor da causa abolicionista, e, de acordo com Sidney Chalhoub – essa era a imagem que ele gostaria de estar associado:

D. Pedro II, portanto, levantava questões espinhosas ao reforçar sua imagem de defensor da ideia da emancipação dos escravos através da farta distribuição de graças em datas festivas (...). Mais difícil do que entender a carpintaria política-teatral do imperador, porém, é tentar compreender as atitudes dos escravos diante de tudo isso (...). Não há dúvidas de que a figura de d. Pedro II gozava de certa popularidade entre os negros, pelo menos nos anos finais da monarquia.³¹

Dessa forma, se pesquisas nos mostram que até mesmo os negros se simpatizavam com a figura do Imperador, tê-lo idealizado nos escritos de Eloy, o Herói como um homem que sonhava poder viver para ver o fim da escravidão, não é de todo o modo estranho. Se houve uma imprensa que por muitas vezes o caricaturou – tecendo duras críticas a sua conduta política e relacionando o descaso de D. Pedro II com o luxo e a etiqueta com a fragilidade da própria monarquia – pelo menos nesse aspecto aqui tratado, nos parece que Eloy, o Herói o absolve em suas crônicas.

A terceira e a quarta parte da “Croniqueta” são dedicadas a uma cirurgia que a Imperatriz havia feito, noticiando que a mesma passava bem. Já na quinta parte, Eloy, o Herói, aproveita para falar sobre as assembleias do Partido Republicano brasileiro e

³⁰ A *ESTAÇÃO*, 15 de dezembro de 1885, XIV ano, n. 23, p. 02.

³¹ CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 223.

menciona personagens da Revolução Francesa, como por exemplo, Danton e Robespierre, dizendo que no Brasil, especialmente no Partido Republicano, não se encontravam personagens revolucionários até então ou homens capazes de modificar o cenário brasileiro daquele momento. Ele afirmava:

A Estação, porém, é periódico mais de senhoras que de homens, e, na nossa terra, o belo sexo em geral, pouco se importa com o movimento político, atendendo a que sob todos os regimes Sua Majestade a Moda sempre reinou absolutamente. As minhas leitoras bem pouco se lhes dá de que sejamos governados por Bruto ou César, pelo Napoleão de 1848 ou pelo Napoleão de 1852.³²

O narrador dizia que, para o público feminino, pouco importava por quem o Brasil fosse governado, mas insistia em criticar o governo atuante e divulgar os ideais abolicionistas naquela coluna.

A sexta parte da crônica, mostra a variedade de assuntos daquela série e também o tom irônico na narrativa construída por aquele narrador, que afirmava que:

Até hoje, que me constasse, os mudos só poderiam falar, de cadeira ou não, por gestos e acionados: nunca por boca. De hoje em diante falarão até pelos cotovelos! O Dr. Menezes Vieira, professor do Instituto dos Surdos-Mudos, conseguiu, por um método francês, que esses infelizes articulassem frases inteiras. Num dos últimos dias do mês passado numeroso auditório aplaudiu o ilustre professor durante as provas que exibiu, àquele Instituto, do resultado de tal método. Não me admirará que o milagroso doutor dê algum dia voz a esses retratos muito parecidos, aos quais só falta falar.³³

A crônica termina com o narrador, contando o triste caso de um garoto de 13 anos, morador de rua, que se matou. E eram assim as “Croniquetas”: seu narrador comentava sobre os assuntos mais falados no momento, fazia críticas à política e provocações sobre os interesses do sexo feminino, se preocupava com a educação recebida pelas mulheres, colocava notas sobre assassinatos e o estado de saúde de pessoas da alta sociedade, entre

³² Idem, p. 02.

³³ Idem, p. 02.

outras particularidades da vida cotidiana carioca. Outros dois temas apareciam com frequência naquela seção, eram eles: a arte e as eleições.

A formação pensada para aquelas leitoras

Para pensarmos como Eloy, o Herói fala sobre mulheres, selecionei três “Croniquetas”. Duas delas falam especialmente sobre a posição das mulheres naquela sociedade e uma exalta a importância da arte e do teatro. Eloy, o Herói mostra grande preocupação com a formação que aquelas mulheres recebiam e ele acreditava que o teatro era uma influência eficaz de boa educação às leitoras, por isso esse assunto é tratado com tamanha importância.

A primeira crônica selecionada é aquela que foi publicada no número de 15 de janeiro de 1886; ela é dividida em 4 partes e as 3 primeiras são dedicadas diretamente ao “universo feminino”. Na primeira parte, Eloy, o Herói conta que foi convidado a assistir apresentações artísticas em algumas instituições cariocas e ficou encantado com o talento de uma professora de piano e canto. Ele não deixa dúvidas sobre o que considerava essencial para a formação das mulheres, suas contemporâneas:

Recomendo de muita boa vontade esta incansável professora [de música] às condescendentes e benígnas leitoras das minhas obscuras ‘croniquetas’. A música é condição fundamental da educação feminina. Uma mulher que não sabe música é como um céu sem astros.³⁴

Na segunda parte da crônica, são elogiados os concertos de música clássica apresentados no Clube Beethoven. Este era um dos mais renomados clubes cariocas, porém a presença de mulheres não era aceita. Eloy, o Herói lamenta que o “belo sexo” fosse proibido de frequentar aqueles salões, mas admite que o lugar presta serviços valiosos para a música. Ele termina essa parte, alertando as mulheres: “Antes de educar o espírito, convém educar os olhos e o ouvido. Sem boa música e bons quadros não há educação possível.”³⁵

A terceira parte traz a notícia que pode ser considerada como a mais importante dessa “Croniqueta”. O cronista anuncia que o ministro da agricultura autorizou o diretor

³⁴ A *ESTAÇÃO*, 15 de janeiro de 1886, XV ano, n. 1 p. 04.

³⁵ Idem, p. 04.

geral dos correios a contratar mulheres para o serviço de repartição postal, que até então só admitia homens naquela função. A notícia foi recebida da seguinte forma:

Era o caso da Estação, jornal de senhoras, deitar luminárias e queimar foguetes. O governo começa a perceber que as mulheres servem para mais alguma coisa que estar metidas todo santo dia em casa, a tratar dos arranjos domésticos. Ainda bem. Já o telefone utilizou as mulheres; agora o correio; amanhã será o telegrafo; depois... quem sabe?³⁶

Eloy, o Herói transmite a notícia de forma bem animada. Ele mostra que as mulheres estão ampliando seu espaço no mundo do trabalho e incentiva tal fato. O narrador considera aquela uma conquista importante e por isso deve ser comemorada. No final da citação, é possível perceber certa provocação, quando o cronista fala “quem sabe?” a respeito do futuro mercado de trabalho, ofertado para as mulheres, deixando entender que elas podem conquistar um espaço ainda maior.

Outra “Croniqueta” importante para pensar sobre o tema é aquela que foi publicada no número de 30 de junho de 1887; ela possui 3 partes bem pequenas e tratam de uma questão interessante. Na primeira parte, Eloy, o Herói fala sobre a cultura brasileira em um tom de clara indignação. Ele diz:

Santo Antônio, S. João e S. Pedro vão de ano para ano perdendo o seu prestígio. As grandes fogueiras, o cará assado e o livro de sortes desapareceram na noite dos tempos. A nossa terra tem perdido completamente o nosso tom característico; a nossa fisionomia é outra que não era há trinta anos passados. Os romances de Macedo e as comédias de Penna já nos parecem páginas exóticas, em que se descreve uma sociedade pré-histórica.³⁷

Arthur Azevedo viveu num período em que outros intelectuais, incluindo ele, diziam ser a decadência do teatro brasileiro. Para esse autor, a situação ia além, pois não haveria um teatro brasileiro, nem produção nacional e a culpa era do poder público. Azevedo achava necessária a criação da Sociedade de Teatro Brasileiro e posteriormente de um Teatro Municipal. O autor pedia pela valorização da produção teatral nacional (e uma produção de qualidade). O que é importante a ser considerado é que existia uma

³⁶ Idem, p. 04.

³⁷ A *ESTAÇÃO*, 30 de junho de 1887, XV ano, n. 12, p. 02.

razão para os literatos quererem essa “nacionalização” do teatro brasileiro; para além dos fins de enriquecer a cultura nacional, com produções que remetiam a questões de caráter interno do país, essa valorização visava estabelecer uma identidade nacional.³⁸ Enaltecer a produção cultural e intelectual pode estar atrelada também aos anseios de modernização conferidas às últimas décadas do século XIX.

O cronista fala que a nação está “perdendo seu tom característico” e deixando de lado seus costumes para seguir costumes franceses. O narrador das crônicas ainda critica o *Diário de Notícias*³⁹ e o *Diário Ilustrado*, afirmando que esses são periódicos que ditam o que as mulheres devem ou não vestir para passear nas principais ruas cariocas. Sobre esse fato ele diz:

O francesismo introduz-se em tudo, e muito asneira indígena pretende coonestar a sua existência inculcando-se coisa de importação. Por exemplo: as seções que no *Diário de Notícias* e no *Diário Ilustrado* se incumbem de dizer quais são as senhoras que passam pela Rua do Ouvidor, é descrever-lhes as *toilettes*. A leitora - que num processo intentado contra semelhante tolice pode ser ao mesmo tempo juiz e parte – diga-me: conhece alguma coisa mais inconveniente, mais indiscreta, mais soez e mais provinciana? As senhoras fluminenses deveriam reunir e protestar contra tal dislate jornalístico.⁴⁰

É importante ressaltar que esta série foi escrita para um jornal dedicado às mulheres e, mesmo em uma crônica em que o autor não fala diretamente sobre elas, deve-se lembrar que, de qualquer forma, são crônicas escritas pensando no público feminino. Pensando assim e considerando que as “Croniquetas” contribuíam na educação das leitoras d’*A Estação*, a última crônica que utilizo para falar deste tema é que foi publicada no dia 31 de maio de 1886; ela é dividida em 4 partes e todas comentam sobre o teatro.

³⁸ De acordo com Fernando Mencarelli em seu livro *Cena aberta: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. Arthur Azevedo, graças as suas constantes queixas e pedidos, foi o principal responsável pela criação do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

³⁹ Esta “Croniqueta” foi publicada poucas semanas após o fim da participação de Arthur Azevedo no *Diário de Notícias*. Azevedo tinha naquele jornal uma série de crônicas chamada “De Palanque”, que era assinada também pelo pseudônimo Eloy, o Herói.

⁴⁰ Idem, p. 02.

A chegada de uma estrela dos palcos – a atriz europeia Sara Bernhard⁴¹ – é anunciada com entusiasmo nas três primeiras partes daquela crônica. Eloy, o Herói tinha uma grande admiração por Bernhard; para ele, ela era o exemplo de artista e de mulher.

Tornar a ver Sarah Bernhard! Mas era esse o meu sonho dourado, a minha esperança risonha, o meu ideal! E vou vê-la aqui, ali, a dois passos de minha casa, no Rocio, no S. Pedro! Vou vê-la sem ir à Europa, sem passar pelos transe do enjoo do mar, sem me sujeitar a ganância de hoteleiros e cocheiros! Não é isto um sonho, meu Deus? Oh! Se estou dormindo, não me acordem por piedade! Deixem-me sonhar ...

[...] Sarah Bernhard não está no mesmo caso: impõe-se por uma celebridade, só igualada neste século por Napoleão, Garibaldi, Victor Hugo ou Adelina Patti. O seu nome anda de boca em boca em todos os povos e em todas as raças. O seu talento penetrou em toda a parte, levando nas asas da fama, e a sua fisionomia original e inteligente foi universalmente vulgarizada pela fotografia.⁴²

Nas “Croniquetas”, podemos observar alguns momentos em que Azevedo influencia Eloy, o Herói. Quando Sara Bernhard aparece nessas crônicas, por exemplo, o narrador sai de cena e quem atua é o próprio autor. Azevedo tinha paixão declarada pela atriz francesa e em várias de suas crônicas ele nos mostra essa admiração exagerada. Na fala, podemos ver não só a admiração que Azevedo tinha pela artista, mas também é possível notar, pela forma que o autor desenvolvia sua narrativa, que ele tentava despertar o interesse das leitoras pelos teatros. O cronista, com sua linguagem poética que beirava ao apelo, chamava suas leitoras ao teatro. Para ele, a arte era o que existia de mais sério neste mundo e não era aceitável suas leitoras não terem o mínimo de entendimento sobre o assunto.

Ele encerra a crônica com um convite: “Embora! Vá a leitora admirar esse assombroso talento, essa divina Sarah Bernhard, que tanto honra o seu sexo, e não tenha escrúpulos de rasgar, a força de aplaudir, a sua luva aristocrata e fina.”⁴³

Política e Eleições

⁴¹ Sara Bernhard foi uma atriz francesa que fez sucesso pelo mundo inteiro no século XIX, representando papéis dramáticos no teatro.

⁴² A *ESTAÇÃO*, 31 de maio de 1886, XV ano, n. 10, p. 04.

⁴³ Idem, p. 04.

As eleições constituíram-se num tema bastante tratado nas “Croniquetas”. Sendo assim, aquela que foi publicada no número de 31 de janeiro de 1886 merece atenção especial; ela é dividida em 6 partes e as 3 primeiras são bastante provocativas. Eloy, o Herói começa falando de um assunto que aparentemente era o mais discutido na corte: as eleições. Ele afirma que essa temática não despertava o interesse nas mulheres, porém insistia em discorrer sobre o mesmo. O narrador, então, provoca: “O assunto mais interessante da quinzena interessa mediocrementemente às leitoras: as eleições.”⁴⁴

Nessas eleições em questão, o partido conservador venceu o partido liberal e o escritor mostra sua vontade de mudanças no país. O desejo dele era de que os liberais vencessem, especialmente por causa da movimentação que isso poderia provocar na questão da abolição da escravidão no país. Ele continua:

Ora, vejamos um exemplo entre vinte mil: Na situação passada o Sr. Taunay, um dos deputados mais úteis ao seu país, foi vergonhosamente derrotado por um Sr. Schutel, que ninguém conhece. Mudam-se os tempos, sobre o partido da ordem, e o mesmo Sr. Taunay derrota, não o Sr. Schutel, mas o Sr. Maciel, que era trunfo na situação liberal.

Depois destas e outras zangam-se porque os meus amigos Valentin Magalhães e Filinto de Almeida fazem da Opinião Pública nacional um ser híbrido e dorminhoco, que não é homem nem mulher, que não é carne nem peixe, que tão depressa está voltando para o norte como para o sul, dando vivas a gregos e troianos, abraçando escravocratas e abolicionistas, monarquistas e republicanos, nagôas e guayamús.

Bem sei que o triunfo completo do partido dominante é, em grande parte, devido às abstenções liberais, mas que poema (herói-cômico, já se sabe!) escreveria quem quisesse contar a curtíssima história de todas essas abstenções.⁴⁵

A citação acima é encontrada ainda na primeira parte da crônica e mostra como o escritor tenta conversar a respeito de política com suas leitoras. Ele é bem instigador, deixando claro sua posição e usando muitas comparações. Nesse momento, Eloy, o Herói faz uma forte crítica à política vigente no Brasil; uma política que não toma partido, não se posiciona e é facilmente manipulada.

⁴⁴ A *ESTAÇÃO*, 31 de janeiro de 1886, XV ano, n. 2, p. 05.

⁴⁵ A *ESTAÇÃO*, 31 de janeiro de 1886, XV ano, n. 2, p. 08.

Na segunda parte da mesma crônica, é falado sobre a candidatura de três republicanos: Quintino Bocaiuva, José do Patrocínio e Dr. Ubaldino do Amaral, figuras conhecidas que apareciam mais em jornais de ampla circulação e alcance do que naqueles dedicados exclusivamente ao sexo feminino. Eloy, o Herói diz que seria interessante colocar personagens revolucionários no parlamento, homens de ação e que defendiam a República. Sobre essas candidaturas, Eloy, o Herói diz:

Quintino Bocaiuvras e José do Patrocínio eram elementos necessários ao nosso parlamento. Ao outro, não me refiro com tanto entusiasmo, porque decididamente o Dr. Ubaldino do Amaral não é um homem de luta; não passa de um palavroso e honesto advogado, sem forças para fazer vibrar a grande corda da alma do povo.⁴⁶

A terceira parte da crônica é onde Eloy, o Herói faz uma leve crítica à condução da política brasileira. O cronista passa rapidamente pela lei Saraiva⁴⁷ (sem dar maiores detalhes do que ela significava, dando a entender que este decreto era conhecido por suas leitoras), e conta que se não fosse essa lei elitista, a situação do país poderia ser diferente. O eleitorado poderia contar de fato com a participação do povo e não haveria a separação entre os dois. Ele faz a crítica da seguinte forma:

O povo ... Se o povo fosse eleitor, se tivesse o rendimento de 600 bagarotes e o diploma da Lei Saraiva, estávamos a estas horas seriamente zangados um com o outro. Mas não! Não foi o povo que arredou das urnas dois homens que todos os dias se esfalfam em proveito da liberdade dele. O povo é uma coisa, o eleitorado é outra.⁴⁸

Outra “Croniqueta” que trago para falar sobre eleição é a de 30 de setembro de 1886; é uma crônica curta, dividida em 3 partes. A primeira fala sobre a inauguração de uma companhia de gás, que aparentemente, pertence a um amigo do escritor da série.

Na segunda parte, pode-se observar uma importante característica das crônicas do final do século XIX, especialmente as de Eloy, o Herói: o autor aproveita de

⁴⁶ Idem, p. 08.

⁴⁷ A lei Saraiva foi decretada em 1881 e se constituía por várias reformas, dentre elas: instituía o Título de Eleitor que poderia ser adquirido apenas para o cidadão que comprovasse renda anual superior a 200\$ e cidadão que não fossem analfabetos; seguiu a adoção das eleições diretas para todos os cargos elitistas no Brasil Império. Essa lei está disponível no site do Tribunal Superior Eleitoral: <http://www.tse.jus.br/eleitor/glossario/termos/lei-saraiva>

⁴⁸ A *ESTAÇÃO*, 31 de janeiro de 1886, XV ano, n. 2, p. 08.

acontecimentos aleatórios do dia-a-dia para alfinetar a política vigente no Brasil. Aconteceu um grande roubo numa tesouraria e o assunto não teve repercussão alguma, e, para o cronista, esse assunto deveria causar uma vergonha “profunda e prolongada”. Ele diz de forma bastante dramática:

Confrange-se o coração brasileiro diante de tanta vilania! Parece que assistimos a uma liquidação forçada da dignidade nacional! Pega ladrão! Eis a divisa do nosso tempo; eis a nossa divisa!
Que mais se pode esperar de um país onde os próprios funcionários, de conivência com os agentes da polícia, metem mão criminosa nos cofres públicos?
E no nosso parlamento não se disse palavra a semelhante respeito! Nem mesmo a capadócia do Sr. Viriato de Medeiros encontrou um verso de trovador de esquina para aplicar a este incidente, que nos enche de opróbrio e de tristeza ...⁴⁹

A última parte desta “Croniqueta” comenta sobre as eleições. Podemos observar que, quando essa temática aparece na série, normalmente vem acompanhada de corrupção, desorganização ou, quando um político defensor da causa abolicionista é eleito. Neste caso, essa crônica mostra a desorganização das eleições. Eloy, o Herói, conta que 3 vereadores foram eleitos e cada um deles promoveu uma comemoração, porém, de última hora, a eleição foi anulada. Ele aproveita para fazer uma anedota da rotina dos candidatos à eleição:

Aí voltam agora novos trabalhos, novas consumições, novos azedumes; lá vai de novo essa pobre gente andar de porta em porta, de chapéu na mão, cumprimentando o Sr. Fulano, comprando balas para o filho do Sr. Beltrano, oferecendo charutos ao Sr. Sicrano ... E só quando a gente se lembra de que tudo isso se faz para exercer-se um cargo gratuito, compreende que Hercules, que aliás não era candidato municipal, fizesse os seus sete trabalhos sem esperança de receber um real dos cofres públicos! ⁵⁰

Rumo à abolição

⁴⁹ A *ESTAÇÃO*, 30 de setembro de 1886, XV ano, n. 18, p. 02.

⁵⁰ *Idem*, p. 02.

Arthur Azevedo - abolicionista declarado - quando fala sobre abolição ou política de uma forma geral, utiliza-se de uma linguagem bastante dramática. O cronista, desde o início de sua série, deixa evidente seu posicionamento liberal, fazendo críticas bastante diretas ao partido conservador que ocupava os principais cargos políticos. É possível observar em cada “Croniqueta”, de uma forma mais leve ou mais incisiva, alguma fala em defesa da causa abolicionista.

De dezembro de 1885 até a data da abolição, em maio de 1888, um dos principais assuntos tratados por Eloy, o Herói são os rumos da política brasileira, os movimentos no parlamento, além de menções ao movimento que levou à abolição. A partir da análise das crônicas publicadas nesse período, percebi que Eloy, o Herói, dedica maior atenção para falar sobre mulheres e educação feminina nas crônicas iniciais e, nas seguintes, os assuntos mais falados são as movimentações políticas e as circunstâncias pré-abolição da escravidão; o que também é uma forma de educar suas leitoras.

Uma crônica importante para falar sobre o processo que levou à abolição é a de 31 de outubro de 1886; ela é dividida em 5 partes, no entanto apenas a última fala sobre tal tema. Eloy, o Herói conta que uma mulher foi submetida a um julgamento no júri daquela Corte, acusada de assassinar uma escrava de dezesseis anos, chamada Joanna. Ele ainda nos conta que visitou o necrotério, onde se encontrava o corpo da escrava e, revoltado com a situação, diz que aquele cadáver deveria ser um símbolo da revolução, caso a população carioca não fosse tão apática à causa.

As últimas palavras dessa crônica são um interessante exemplo de propaganda abolicionista que era divulgada nos periódicos da época. Vale ressaltar que essa questão aparecia discutida também em um periódico dedicado às mulheres. Nas palavras do próprio cronista:

Muitas pessoas, que se achavam comigo no necrotério, deixavam correr as lágrimas em fios, contemplando aquele cadáver, que seria um revolucionário, se a sociedade apática do Rio de Janeiro tivesse o espírito das revoluções.

Aquele sangue falava mais alto que todas as conferências abolicionistas; aquelas chagas, putrefatas como a própria escravidão, eram mais eloquentes que toda a generosa demagogia da *Gazeta da Tarde*. D’onde se infere que a verdadeira propaganda abolicionista é feita pelos próprios

escravocratas. Joanna é uma dessas vítimas sacrificadas a uma grande causa. O seu lugar no império está marcado entre os dos grandes mártires da liberdade. Aquilo não era um cadáver: era uma bandeira!⁵¹

A escravidão e o rumo da abolição eram os temas principais trabalhados pelos literatos daquele momento. Machado de Assis, por exemplo, faz desses assuntos os temas centrais das suas crônicas e contos. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado no formato de folhetim em 1881, o autor faz uma forte crítica ao tráfico negreiro ilegal; que alimentava a escravidão. Sobre a crítica machadiana, Chalhoub diz:

Assim, formalmente interditado o ponto de vista autoral, sem recurso tampouco ao possível distanciamento do narrador em terceira pessoa, aparecem, sem julgamento explícito de valor, os pilares da sociedade criada pelos contrabandistas de africanos e os proprietários de gente ilegalmente escravizada: sonho de superar a duplicidade eliminando certos constrangimentos da lei e da opinião; “uma hipocrisia paciente e sistemática” (cap. LIII), para dissimular a contradição entre lei e práticas senhoriais; corrupção generalizada, tanto nas relações dos cidadãos com o Estado como nas interações entre os cidadãos; leveza moral ou insensibilidade social, quer dizer, nenhum sentimento de culpa ou remorso respeitante às injustiças e arbitrariedades cometidas. O diagnóstico machadiano é inclemente, “amargo e áspero”, politizado até a medula, por isso deve espantar encontra-lo num texto frequentemente visto como o suprasumo da arte pela arte.⁵²

Em várias crônicas, Eloy, o Herói nos informa, de maneira rápida, a vontade de D. Pedro II em libertar os escravos, assim como a atuação política de algumas figuras que também partilhavam desse desejo. Na publicação de 30 de novembro de 1886, só para dar um exemplo, ele diz que o Imperador se preocupa bastante em mostrar ao povo seu interesse na vida dos escravos, mas que seria bem mais útil se ele tomasse uma atitude em prol desses “oprimidos”. O cronista afirma que “Duas palavras na Fala do Trono valem mais que uma grossa de artigos de propaganda”.⁵³

⁵¹A *ESTAÇÃO*, 31 de outubro de 1886. XV ano, n. 20, p. 9.

⁵² CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo, Companhia das Letras; 2001. p. 284.

⁵³A *ESTAÇÃO*, 30 de novembro de 1886. XV ano, n. 22, p. 08.

A crônica de 31 de outubro de 1887, exatos um ano após a primeira crônica que utilizei para falar sobre abolição, não poderia ser deixada de lado; ela é dividida em 3 partes e a segunda parte traz uma verdadeira declaração de insatisfação com o que acontecia no Império:

Ainda a Câmara dos Deputados não tinha voltado a si do atordoamento em que a deixou a carta do bis-ministro, e as portas da Cadeia Velha fechavam-se por este ano.

A momentosa e ponderosa questão do elemento servil, que tem causado uma extraordinária agitação em todo o país, não mereceu a menor referência na Fala do Trono. Esquecimento ... quem sabe?

No mesmo dia em que essa omissão surpreendia o povo, cento e cinquenta escravos fugiam de uma fazenda de Capivary, em São Paulo, e, perseguidos pela polícia, aprisionavam os soldados, e surravam-nos, depois de os despir e amarrar aos troncos das árvores.

Sempre que se fala desta questão, eu lembro-me que toda a gente tem, pouco mais ou menos, se pronunciado a respeito. Apenas a parte mais interessada continua a mostrar-se neutra, e não tem sido até hoje nem carne nem peixe.

Acerca do estado servil todos nós sabemos o que pensam o Parlamento, o Jornalismo, as Associações, as Academias, etc; mas ninguém sabe o que pensa o escravo, que até agora não disse que sim nem que não ...

O caso de Capivary não será um prenúncio de tempestade? A mim sobressalta-me que, enquanto se discute a liberdade do escravo, o escravo se deixa ficar de braços cruzados ... se é que ele tem licença para cruzar os braços.

Quanto a Fala do Trono, o Governo, achou talvez inconveniente a discussão de semelhante assunto.

Paciência.⁵⁴

Eloy, o Herói mostra bem mais do que fatos, quando fala sobre abolição; ele mostra o sentimento que acometia o Império poucos meses antes do fim da escravidão ser declarado. Fica claro, que em 1887, a escravidão era um assunto de interesse de todo o país; uns porque defendiam o fim daquele regime, outros porque eram escravocratas e tinham aqueles que eram como o próprio Governo, que se mantinham neutros. Falar sobre

⁵⁴ A *ESTAÇÃO*, 31 de outubro de 1887, XVI ano, n. 20, p. 03.

escravidão todos falavam. O narrador dialogava com os principais intelectuais e políticos defensores da abolição da época.

A primeira crônica, após a publicação da Lei Áurea, foi a de 15 de maio de 1888 e nela o narrador não esconde o seu entusiasmo. A crônica é dividida em 6 partes e as 2 primeiras falam sobre a abolição. Logo de início, o narrador anuncia:

O fato mais importante dessa quinzena foi a abertura do Parlamento e a festa que se lhe seguiu. Sua Alteza a Princesa Imperial Regente deve ter gravado na memória o dia 13 de maio de 1888 como o dia mais feliz da sua vida. A ovação que lhe fez o povo foi muito significativa, e eu sinto que o *Diário de Notícias*, com uma proclamação espetaculosa, tirasse a essa manifestação popular o seu caráter de espontaneidade. A fala do trono alvoroçou todos os corações.⁵⁵

Entre vários elogios a conquista do país, Eloy, o Herói também levou às suas leitoras nesta primeira parte da crônica trechos da carta redigida pela Princesa Isabel, dizendo que aquelas palavras “deveriam ser escrito em letras de ouro”. Na segunda parte, o narrador conta que existiam políticos insatisfeitos com a conquista brasileira e que seu desejo era que todos partilhassem das comemorações por aquela grande conquista. Ele fala:

Ainda haverá algum deputado bastante corajoso para defender a escravidão, e assisti-la nos seus últimos arrancos?

É possível.

Mas vejam lá, meus senhores; ainda estão em tempo de bater nos peitos e murmurar o *Peccavi*, que indultou o Sr. Moreira de Barros; só assim poderão evitar uma nota aviltante na nossa história; só assim poderão salvar toda odiosidade das suas ideias.

Eu desejava ver todos os brasileiros ligados para erguer aos céus um *Hosanna* uníssono, sem que uma única voz – nem mesmo a do Sr. Andrade Figueira – destoasse do conceito geral.

Nestes dias de tanto júbilo para a pátria livre deviam calar-se todos os ódios, todas as prevenções, todos os interesses mesquinhos. A gente

⁵⁵ A *ESTAÇÃO*, 15 de maio de 1888, XVII ano, n. 9, p. 03.

empobrece sem os escravos? Pois que empobreça! Deve ser consoladora a miséria nos braços da liberdade.⁵⁶

A última “Croniqueta” que trago neste capítulo é a que foi publicada no dia 31 de maio de 1888; uma edição posterior à crônica que anunciava a abolição da escravidão no Brasil. É uma crônica dividida em 4 partes que falam especialmente das comemorações que se estenderam por todo o país durante 7 dias. Eloy, o Herói começa anunciando o fato mais importante na vida social daquele país: foi declarada extinta a escravidão no Brasil. E continua:

Folgo de lembrar neste periódico de senhoras, que foi a mão de uma senhora que assinou a suspirada Lei, ao mesmo tempo libertando o escravo do cativo, e a nós outros, que nascemos livres, da inaudita vergonha de ter escravos. Honra e glória à princesa D. Isabel! Que o seu nome simpático seja transmitido à mais remota posteridade, envolvido nas bênçãos das mães dos oprimidos e dos escravizados! Que a História faça das suas páginas um sacrário que o guarde e um documento sublime que o santifique eternamente!⁵⁷

Como é uma crônica bem próxima ao acontecimento, é possível notar a agitação e o alívio de Eloy, o Herói na sua escrita e o trecho acima é um exemplo disso. A opinião do narrador a respeito da abolição é bem posicionada; ele exprime uma ideia de condenação à escravidão, principalmente uma vez que se lê todas as palavras de elogio ao ato realizado pela Princesa Isabel.

O fato de ter sido uma mulher a declarar o fim da escravidão no Brasil também não passa batido naquela crônica. Sempre que aparece nas crônicas uma figura feminina importante ou talentosa, nosso narrador faz questão de chamar a atenção das leitoras mostrando a força do *belo* sexo – o feminino. Neste caso, ele relaciona o ato da Princesa Isabel com o apelo maternal.

No último trecho que citarei, Eloy, o Herói, além de mostrar toda a agitação do povo e como foram as comemorações, credita também à imprensa o fim do regime

⁵⁶ Idem, p. 03.

⁵⁷ A *ESTAÇÃO*, 31 de maio de 1888, XVII ano, n. 10, p. 08.

escravocrata; a imprensa e o teatro desempenharam uma forte contribuição nas manifestações da causa abolicionista. Ele diz:

As festas da Imprensa Fluminense, projetadas, discutidas e realizadas em sete dias apenas, jamais sairão da memória do povo. Nunca a alma popular vibrou com tanta intensidade; nunca a imprensa mostrara tão evidentemente que nada sobrepuja a sua força, desde que a sua força seja dignamente empregada.

A missa campal de São Cristóvão, as corridas, as regatas, os espetáculos gratuitos, os bailes públicos, os fogos de artifício, o preito das escolas, e, sobretudo, essa inolvidável procissão cívica de domingo, - tudo esteve digno do sagrado objeto da comemoração.

O povo fluminense mostrou que sabe ser um grande povo. Nenhum distúrbio sério perturbou as festas. Dir-se-ia que a Lei de 13 de Maio, acabando com os escravos, acabara igualmente com os desordeiros.

Permita a leitora, que pela primeira vez, me desvaneça de pertencer também, embora obscuramente, à poderosa falange da nossa Imprensa.⁵⁸

Após a crônica que anunciava o fim da escravidão no Brasil, Eloy, o Herói se dedicou quase que exclusivamente a falar sobre arte e a dar dicas de leitura para as assinantes da revista. A política agora era um assunto que pouco aparecia em suas crônicas, porém a repercussão da abolição, as festas que a população promoveu e como esse tema era retratado nas manifestações artísticas ainda eram mostrados pelo autor.

⁵⁸ Idem, p. 08.

“De Palanque”: Mulheres, Teatro e Abolição nas crônicas de Arthur Azevedo ⁵⁹

2.1 – Conhecendo o *Diário de Notícias*

A Estação e o *Diário de Notícias* foram dois periódicos bastante distintos. Conforme já observamos, *A Estação* destinava-se às mulheres, levando um caderno de moda e um suplemento literário ilustrados, com o intuito de contribuir para a formação cultural da mulher e transformá-la em uma dona de casa prezada e completa; por sua vez o *Diário de Notícias* era um jornal destinado ao grande público, com colunas bastante diversificadas, que tentavam agradar tanto aos leitores quanto às leitoras fluminenses.

O *Diário de Notícias* era um jornal informativo que circulou no Rio de Janeiro entre 7 de junho de 1885 a 30 de setembro de 1895, publicado pela tipografia Carneiro, Senna & Cia. Suas edições eram diárias e regulares, continham 4 páginas e ainda eram divididas em 7 colunas [Fig. 5]. Sua assinatura custava 12\$000 para a corte e 16\$000 para as províncias anualmente e podiam-se comprar números avulsos por 40 réis cada um. Eventualmente, eram publicadas edições com 6 ou 8 páginas, nesses casos não havia alteração no valor do jornal avulso.

Foi um dos jornais mais populares no período, de modo que sua tiragem contava 20.000 exemplares logo no seu primeiro ano de circulação, o que pode ser considerado um número bastante elevado para a época. Para se ter uma ideia da alta tiragem do *Diário de Notícias*, a *Gazeta de Notícias*, que era um dos jornais mais importantes daquela época, tinha uma tiragem de 24 mil exemplares e circulava desde 1875. Em janeiro de 1886, quase um ano após sua inauguração, o *Diário de Notícias* alcançou a tiragem de 22.000 exemplares.⁶⁰

Em dezembro de 1885, quando o *Diário* já se firmava como um dos principais periódicos da época, os editores decidiram aperfeiçoar a organização da folha e adotaram

⁵⁹ Este segundo capítulo aproveitou-se das pesquisas que realizei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) em 2014-15, com a orientação da Professora Daniela Magalhães da Silveira.

⁶⁰ De acordo com o seguinte estudo: SILVA, Esequiel Gomes da. “De Palanque”: as crônicas de Arthur Azevedo no *Diário de Notícias* (1885/1886). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

um sumário. Esse sumário aparecia na primeira página do jornal, no topo da primeira coluna, e dava destaque às principais seções do periódico ou as notícias mais comentadas no momento, facilitando aos seus leitores e leitoras localizarem as matérias que mais lhe interessavam.

Nas duas primeiras páginas do jornal, era possível encontrar temáticas bastante variadas. Falava-se de economia à religião, com espaços destinados tanto às “classes pobres”, como a alta roda. Um bom exemplo, para entender a diversidade de classes que o jornal gostaria de atingir são as “Notas suburbanas” e as “Festividades e diversões”.

Nas “Notas suburbanas”, o público daquele jornal recebia notícias sobre as classes mais pobres e os bairros mais afastados do centro do Rio de Janeiro. Essa era uma seção que o *Diário* considerava importante; além dela vir na primeira página e ter o título realçado em negrito, era uma das poucas seções que estava no sumário daquela folha. É possível perceber no seguinte fragmento a preocupação social que aquela seção tinha com a periferia da cidade:

O Retiro da Gratidão é um bairro que está sujeito ao fiscal do Engenho-Velho; mas este cidadão nunca apareceu por ali, de sorte que tudo ainda á bolina em questão de limpeza e salubridade, como verá quem der um pulo as ruas Nogueira da Gama e Chaves Faria.

É bom que a ilustríssima olhe para o pobre bairro, para o pobre retiro que, se é da Gratidão, não é grato ao fiscal que dele se desunida, a ponto de já não se distinguir o que é matagal, do que é terreno particular; a erva cortou as separações e cresce a olhos vistos!

Uma lástima!⁶¹

A seção “Festividades e diversões” ocupava normalmente as primeiras colunas da primeira página do jornal, em um lugar de destaque. Nela os leitores ficavam sabendo os locais e horários das missas e das festividades religiosas, das corridas de cavalo, os bailes que aconteceriam na corte, eram informados sobre festivais literários e também algumas peças teatrais.

Como a imprensa era o principal palco da política na época, o *Diário de Notícias* contava com várias seções destinadas ao assunto. Nelas, os leitores podiam ler matérias

⁶¹ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1 de janeiro de 1886, II ano, n. 209, p. 01.

relacionadas à vida política na Corte e nas proximidades; os correspondentes do *Diário* informavam inclusive o que acontecia em outras partes do mundo. Nas seções destinadas a falar sobre o Parlamento, a Câmara dos Deputados e a Câmara dos Vereadores, os leitores, além de se manterem informados com o que acontecia na política brasileira, ficavam sabendo das constantes brigas que existiam naqueles ambientes e das várias sessões das duas câmaras que haviam sido canceladas por falta de quórum.

Os leitores podiam ler também contos que apareciam na primeira página do jornal na seção “Folhetim”, onde obras renomadas, como por exemplo, *O Conde de Monte Cristo* e *Memórias d’um médico*, ambos de Alexandre Dumas, foram publicadas. Ocasionalmente, o *Diário de Notícias* publicava poesias e algumas charadas para entreter seu público.

As duas últimas páginas eram destinadas exclusivamente a anúncios publicitários [Fig. 6]. Existiam cerca de 15 propagandas diversificadas em cada uma dessas páginas comerciais: os leitores podiam acompanhar o “Boletim Comercial” que divulgava o preço da saca de café e o balanço comercial do Banco do Brasil, “Declarações” onde encontravam-se diálogos entre banqueiros e acionistas, anúncios de clubes esportivos e empresas teatrais, leilões de peças valiosas e também propagandas de mercadorias como vinhos, perfumes, vinagres, armas de fogo, entre outros produtos.

A série “De Palanque”, de Arthur Azevedo, que assinava com o pseudônimo Eloy, o Herói, surge logo no primeiro número do *Diário de Notícias*. A crônica aparecia na primeira página do periódico, num espaço bastante privilegiado da folha, diferente da série “Croniqueta” que aparecia num canto da revista e com a letra menor. Sua permanência no jornal foi longa – entre 1885 e 1887 – o que indica que essa deve ter sido uma série de crônicas apreciada pelo público leitor.

O *Diário de Notícias*, então, foi um jornal que seguiu os moldes de vários outros jornais cariocas das últimas décadas do século XIX; trazia diversas matérias, tratava de assuntos presentes no cotidiano daquelas pessoas (o que atraía o interesse dos leitores que não tinham familiaridade com o mundo das letras) e era possível adquirir o número avulso, o que facilitava a compra, pois, até então os periódicos eram vendidos por assinatura em livrarias e alguns comércios selecionados, onde apenas uma pequena parcela da população tinha acesso.



Fig. 5 – Imagem da primeira página do jornal. Nela podemos ver pela divisão das suas colunas o perfil de um jornal informativo. O “De Palanque” ocupa a segunda coluna do periódico, mostrando a importância daquela série.⁶²

⁶² DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27 de julho de 1885, I ano, n. 21, p. 01.

revista *A Estação*, dizendo que é uma revista dedicada às senhoras que fala sobre as belas artes, literatura e moda.⁶³

2.2 – Páginas para quem? O perfil dos leitores e leitoras do *Diário de Notícias*

Ao contrário da *Estação*, o *Diário de Notícias* não tinha um público fácil de se definir ou seções exclusivas para determinado sexo. Após um estudo desse jornal, é possível fazer um levantamento do perfil daqueles leitores por meio das notícias e anúncios que os próprios colaboradores colocavam em suas seções.

O perfil desse jornal era similar aos outros jornais informativos daquela época: a estrutura, a divisão das colunas e os assuntos – como política, economia, fatos do cotidiano, comércio, notícias do exterior e seções literárias que contavam com crônicas, poemas e publicações de romances em formato de folhetim – pareciam compor uma fórmula certa que vários periódicos seguiam, o que causava uma grande concorrência. Mesmo com essa concorrência, o *Diário de Notícias* contava com uma tiragem de 22 mil exemplares, o que era considerado bastante elevado para a época, mostrando-se um jornal de sucesso.⁶⁴

É possível afirmar que todas as classes sociais – dos pobres aos ricos – compunham os leitores e leitoras daquele jornal apenas com a análise do seu custo. Como já foi apresentado, o *Diário de Notícias* era vendido por assinatura anual no valor de 12\$000 para a corte, porém podia-se comprar também o número avulso por 40 réis. Vender edições separadas era uma estratégia dos jornais da época para aumentarem seu público leitor e, 40 réis era um preço bem acessível, visto que a *Gazeta de Notícias* – periódico mais popular daquele período – cobrava esse mesmo valor por cada número.

O *Diário* era também distribuído para as províncias pelo preço de 16\$000 por assinatura anual, mais caro que na corte devido ao acréscimo do transporte, indicando que seus leitores não se restringiam ao público fluminense. Outro indício da relação do jornal com as demais províncias brasileiras está em algumas colunas que levavam o título “São Paulo”, “Minas Gerais”, “Pernambuco”, entre outras localidades, e falam sobre a

⁶³ *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 11 de fevereiro de 1886, II ano, n. 250, p. 04.

⁶⁴ 22 mil exemplares é apenas uma estimativa, pois os próprios editores exageravam sobre este número para aumentar o prestígio do jornal, assim como acontecia aos demais periódicos da época.

movimentação política nessas regiões. Essas seções também serviam para manter os leitores e leitoras cariocas informados sobre o que acontecia nas principais províncias do país.

Nos anúncios publicitários, ficamos sabendo de várias peças teatrais que serão encenadas e divulgações de clubes esportivos, mostrando que parte daquele público tinha interesse e condições financeiras para participar dessas atividades. É importante informar que nos anúncios dessas peças sempre vinham escritos os nomes dos autores da obra e, logo abaixo, a presença de D. Pedro II e de outros membros da família imperial. Não era sempre que a família real comparecia àqueles espetáculos, mas sempre que sua presença era confirmada aparecia junto ao cartaz de divulgação. Clubes esportivos e teatros, principalmente os que a nobreza frequentava, não tinham um preço muito acessível, e aqueles que desfrutavam dessas práticas deveriam pelo menos compor a classe média.

Ainda na seção comercial do jornal, podemos encontrar anúncios de produtos para a beleza feminina, perfumes, roupas para moças, hidratantes capilares, máquinas de costura e objetos para decoração da casa⁶⁵, mostrando a possibilidade de existir leitoras naquele periódico. Como foi apontado no item 2.1, a revista *A Estação* – destinada ao público feminino – também apareceu na lista dos anúncios do *Diário*, confirmando que os anunciantes acreditavam que mulheres liam aquelas páginas.

A figura abaixo [Fig. 7], retirada da última página de anúncios da publicação de 1º de janeiro de 1886, por exemplo, deixa claro que as mulheres faziam parte dos leitores do *Diário de Notícias*. A imagem, que está no topo da página e com títulos destacados em negrito, traz uma propaganda de chapéus com a chamada “Só para senhoras!” e logo depois é divulgada uma loja que vende meias de seda.

⁶⁵ A decoração da casa, como vimos no capítulo sobre a revista *A Estação*, era uma tarefa exclusiva das mulheres.

MODAS

A Chapelinaria Fluminense acaba de receber o que ha de mais alta novidade em chapéus confeitados para senhoras e meninas, sendo das seguintes formas: Borghi-Manno, Duso-Cbecchi, Repetto, Stahl e Adini, que se vendem por preços resumidos.

38 RUA DOS OURIVES 38

SÓ PARA SENHORAS!!!

VÃO VER

Alta novidade em chapéus ricamente enfeitados, para senhoras, a 10\$, 12\$, 14\$, 16\$ e 18\$000; já está provado que só se vende barato, por preços nunca vistos, na afamada *Chapelinaria do Louvre*, à rua Sete de Setembro n. 55, proximo à dos Ourives.

A MEIA DE SEDA

CASA ESPECIAL SÔ DE MEIAS

48 A RUA SETE DE SETEMBRO 48 A

(SÔ' UMA PORTA LARGA)

Fig. 7 – Imagem da seção de anúncios do *Diário de Notícias*, presente na última página do jornal.⁶⁶

Partindo para o conteúdo cultural e social do periódico, podemos fazer uma relação com os temas tratados e os interessados. A coluna “Parabéns”, por exemplo, anunciava os aniversariantes do mês da alta sociedade fluminense e, em diversas notas esparsas, eram noticiados casamentos e batizados da tal *high life*⁶⁷.

A política era um assunto recorrente nos jornais do final do século XIX. No *Diário de Notícias*, por exemplo, os leitores podiam encontrar notícias em colunas fixas sobre o Parlamento, a Câmara dos Deputados e a Câmara dos Vereadores e os jornalistas faziam questão de mostrar a animosidade entre aqueles políticos. Em 1886, período de eleições, os editores do *Diário* reservaram um lugar especial nas suas páginas para publicações dos seguintes partidos: Republicano, Liberal e Conservador. Não é possível dizer que o jornal tinha determinado posicionamento político, mas ele dava espaço para vários partidos se expressarem, e assim, o leitor e eleitor (na época as mulheres não tinham o direito ao voto, mas deveriam influenciar os homens da família) tornava-se apto a essas discussões e escolhas.

Em 1885, a ideia de política ainda está tradicionalmente ligada ao homem da elite. Nas “Croniquetas”, por exemplo, o narrador propõe discussões políticas para as mulheres

⁶⁶ *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 1 de janeiro de 1886, II ano, n. 209, p. 04.

⁶⁷ Palavra em inglês que significa alta sociedade. O *Diário de Notícias* usava muito essa expressão quando estava falando da elite carioca.

insistindo em dizer que aquele assunto não interessa suas leitoras, mas essa insistência provavelmente é uma provocação do narrador já que ele continua falando sobre o assunto até o final da série. Então, com uma leitura superficial do *Diário*, e tendo em vista que ele fala bastante sobre política e assuntos que exigiam certo conhecimento do mundo das letras, é possível deduzir que seus leitores são em sua maioria homens que pertencem pelo menos à classe média. Essa ideia é desconstruída na medida em que prestamos mais atenção às seções daquele jornal. A seção folhetim, por exemplo, é destinada normalmente às mulheres⁶⁸ e a seção de crônica “De Palanque”, que possui uma linguagem de fácil compreensão e assuntos que abordam o cotidiano carioca, é destinada ao grande público. Sendo assim, é possível afirmar que aqueles leitores são homens e mulheres com o perfil semelhante das leitoras da *Estação*.

O *Diário de Notícias* tem uma coluna fixa intitulada “Loterias” que nos diz muito sobre o perfil de uma parcela de seus leitores. Essa seção trazia tabelas com os resultados de sorteios de todas as províncias brasileiras; esse jogo era bastante comum entre trabalhadores, pobres, brancos ou negros, e recebia destaque em vários jornais cariocas, porém era uma prática bastante criticada pelos intelectuais do momento, incluindo o colaborador Arthur Azevedo. A partir da década de 1880, as loterias passam a ser entendidas como jogos de azar que “mexiam com o imaginário da época, especialmente nas camadas mais pobres da sociedade, como na dos trabalhadores livres ou ainda escravos.”⁶⁹ Os escravos viam nesse jogo a possibilidade de conseguir sua carta de alforria, os trabalhadores livres uma maneira de escapar da pobreza e para os intelectuais essa era uma forma de iludir o povo.

Não é possível afirmar se existiam colaboradoras do sexo feminino no *Diário*, pois a maior parte das seções sequer eram assinadas e muitas das que eram tinham apenas siglas ou pseudônimos, impossibilitando descobrir a quem pertenciam. Entretanto, podemos perceber que existem vários espaços dedicados a elas, como por exemplo, na parte comercial do periódico; na seção folhetim, se aceitarmos a tradição de que romances eram escritos preferencialmente para mulheres; nas crônicas do “De Palanque” que, como veremos mais adiante, em alguns números fala diretamente com as mulheres.

⁶⁸ Daniele Megid em seu texto “Mulheres de Jornal: personagens femininas em romances-folhetins de Machado de Assis” diz que os folhetins são tradicionalmente destinados ao público feminino.

⁶⁹ LONER, Beatriz Ana. *A Loteria do Ipiranga e os trabalhadores: um sonho de liberdade no final do século XIX*. História (São Paulo) v. 33, n.1, p.195-233, jan/jun, 2014, p. 196.

2.3 – Arthur Azevedo no *Diário de Notícias*

Arthur Azevedo iniciou a publicação da série “De Palanque” em 7 de junho de 1885, assinando por meio de um narrador já conhecido de uma parcela de seu público: Eloy, o Herói. Essa publicação estendeu-se até 22 de março de 1887. As crônicas encontravam-se, normalmente, em um lugar notável do periódico, logo na primeira página e na segunda coluna, com o título da série em negrito.

Eloy, o Herói dividia suas crônicas por temáticas, que eram organizadas por asteriscos e, na maioria das vezes, essas partes mantinham conexões diretas. Algumas séries de crônicas produzidas ao longo do século XIX tinham a fonte e o espaço no jornal menores que das outras seções e ocupavam o rodapé da página – como é o caso da “Croniqueta” em *A Estação*, que não estava no rodapé da página, mas tinha a fonte menor do que os outros conteúdos presentes no caderno literário. No entanto, na seção “De Palanque”, o espaço e a fonte eram os mesmos utilizados nas outras colunas presentes no *Diário de Notícias* e a série ocupava o corpo do jornal.

As “Croniquetas”, série de crônicas também assinada por Eloy, o Herói, continham uma forte crítica política e as principais temáticas encontradas nelas estão relacionadas com a arte e a cultura. Nelas, o cronista também relata alguns acontecimentos recentes com figuras importantes da corte, fala de política e, em especial, sobre as eleições e a corrupção de alguns políticos. No “De Palanque”, podemos perceber a mesma postura de Eloy, o Herói, porém o assunto mais tratado por ele é a arte e o que acontece nos palcos fluminenses. No *Diário*, existiam outras colunas que falavam sobre política além do “De Palanque”; o mesmo não ocorria em *A Estação* onde a coluna preferencial para se falar de política de maneira direta era justamente aquela assinada por Eloy, o Herói.

A participação de Arthur Azevedo no *Diário de Notícias* foi bastante conturbada. Alguns números do “De Palanque” não apareciam na folha e em outros Eloy, o Herói dizia que não podia estender sua narrativa, pois naquele dia pediam-lhe que não ocupasse muito espaço. São várias as reclamações que o narrador faz sobre isso aos editores. Em uma de suas publicações, que apareceu na segunda página do periódico por uma suposta falta de espaço, ele diz:

Todas as vezes que o Diário de Notícias deixa de trazer o Palanque, há muito quem me chama vadio, e lance à minha conta a ausência do meu artigo. Na rua, de todos os lados, me assaltam exclamações desta ordem: - Então, seu preguiçoso, fez-se hoje sueto, hein?

Pois saibam todos quantos este virem que a culpa não é minha: eu dou o meu artigo todos os dias, pontualmente, religiosamente. A intermitência das minhas rabiscadelas prova pura e simplesmente que o Diário de Notícias vai de vento em popa nos mares da publicidade. O deus Anúncio invade despoticamente a folha, e desaloja toda a matéria literária. Os proprietários do Diário de Notícias ver-se hão muito breve obrigados ou a aumentar o formato da folha ou a diminuir o corpo do tipo, - isto se não quiserem rejeitar matéria paga, que por forma alguma me parece alvitre digno de aceitação.⁷⁰

Os conflitos com os editores do jornal foram tantos que, em 22 de março de 1887, o cronista encerrou sua colaboração no periódico, alegando motivos pessoais, mas a seção “De Palanque” deveria agradar tanto ao público fluminense e Azevedo era um escritor tão prestigiado que o jornal *Novidades* o convidou para publicar nas suas páginas aquela mesma seção, mantendo o título “De Palanque”. Azevedo aceitou o convite e, em 26 de março de 1887, teve sua primeira crônica publicada no outro periódico. O *Novidades* tinha o perfil bem parecido com o do *Diário de Notícias* e as crônicas de Azevedo também ocupavam um espaço de destaque na folha: logo na primeira página. Na crônica de abertura nesse outro jornal, o nosso escritor explica sua saída do *Diário*:

Constou-me no dia 22 do corrente mês, que o senhor Dr. Oscar Pederneiras, ilustrado redator-chefe do *Diário de Notícias*, acusara verbalmente, a mais de uma pessoa, os autores do *Mercúrio* de haverem plagiado o segundo quadro dessa revista não sei de que peça do mesmo gênero, escrita e publicada em Portugal.

Sendo eu co-autor do *Mercúrio* e colaborador do *Diário de Notícias*, entendi que deveria retirar-me de uma folha cujo diretor me tinha em conta de gatuno. Dirigi-me, pois, ao meu distinto amigo Sr. Comendador Chaves Faria, e, expondo-lhe o meu ressentimento, pedi-lhe que, como proprietário do *Diário de Notícias*, dispensasse os meus serviços. O Sr. Comendador Chaves Faria declarou-me que no dia seguinte daria solução

⁷⁰ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2 de março de 1886, II ano, n. 269, p. 02.

ao meu pedido, e eu retirei-me, fazendo-lhe ver que me considerava suspenso das funções de colaborador daquela folha, até que se liquidasse um ponto que tão diretamente interessava ao meu pondonor literário.

No dia seguinte (23) encontrei no *Diário de Notícias* o seguinte artigo, assinado pelo Sr. Dr. Oscar Pederneiras:

<< Torpe Calunia. – Com surpresa para mim soube ontem que alguns maledicentes, desses que procuram armar ao escândalo com detrimento da dignidade alheia, tentam perturbar as boas relações até hoje existentes entre mim e meu companheiro Arthur Azevedo, espalhando esta calunia simplesmente: que eu ando mostrando aos meus amigos uma revista plagiada no *Mercúrio*. Não desço a rebater a torpe mentira; nunca procurei deprimir o esforço alheio, forjando intrigas mesquinhas, que só serviriam para prejudicar-me e, graças a Deus, também não careço servir-me de um tão triste recurso, que é a arma de mofineiros e intrigantes, para malquistar-me com um companheiro a quem prezo e estimo. O bote, portanto, não me atinge, uivem a vontade os mentirosos! ... – Oscar Pederneiras.

Diante desta declaração formal, expressiva, sobranceira, nítida, solene, cessaram imediatamente no meu espírito os motivos que me desligavam da folha; mas, infelizmente, encontrando-me, naquele mesmo dia, com as pessoas que na véspera me surpreenderam com a notícia de que o Sr. Dr. Oscar Pederneiras me atribuía a infâmia de um plágio, essas pessoas, que eu considero dignas de fé, confirmaram o que haviam dito, admiradas da declaração do redator-chefe do *Diário de Notícias*.

Fiquei naturalmente perplexo entre declaração escrita com tanto desassombro e acusação formulada com tanta segurança. Enrodilhados estivessem nesta comédia uma donzela astuciosa, um velho ciumento e um barbeiro intrigante, e eu perguntara como D. Basílio: - *Quidiabileest-cedonequ'on trompe ici?*

Desejoso de que as coisas se harmonizassem, propus ao Sr. Comendador Chaves Faria voltar para o meu posto, sob a condição expressa de me declarar completamente estranho à redação do Diário, alheando dos meus obscuros escritos toda e qualquer responsabilidade efetiva que não fosse minha, só minha, colocando-me, enfim, numa posição excepcional. Não desejava servir sob a direção de um cavalheiro que, embora houvesse declarado o contrário, continuava a ser acusado de haver dirigido contra

a minha pessoa o insulto do plagiário. É preciso notar que entre os acusadores figura um empregado da própria redação do *Diário de Notícias*.

O Sr. Comendador Chaves Faria não aceitou a minha proposta, nem eu no seu caso a aceitaria; retirei-me do *Diário* simplesmente, singelamente, sem ódios contra ninguém, e aceitei nas *Novidades* o mesmo emprego que exercia ali.⁷¹

Arthur Azevedo assinou esta crônica com o próprio nome, sem utilizar pseudônimo, e finalizou dizendo que “o De Palanque do *Diário de Notícias* será o mesmo De Palanque nas *Novidades*” e que, a partir do dia seguinte, passaria a assinar como Eloy, o Herói. Dessa forma, se ainda houvesse algum leitor ou leitora que não soubesse quem se escondia por detrás daquela assinatura a dúvida deixaria de existir. Além disso, a insistência em se utilizar aquela assinatura, mesmo após a revelação da autoria, indica que Eloy, o Herói não era uma fórmula para que o autor se escondesse, mas a criação de um personagem. A publicação no *Novidades* durou até o final de julho de 1888, quando Azevedo recebeu um convite para voltar a publicar o “De Palanque” no *Diário de Notícias*. O autor aceitou o convite e em 1º de agosto de 1888 publicou no *Diário*:

Sobre o reaparecimento do *Palanque* no *Diário de Notícias* nada direi aos leitores senão que – o bom filho a casa volta. Foi aqui que nasceu esta seção, é aqui que deve morrer, e daqui jamais saíria sem uma exigência muito natural da minha dignidade literária.

Mas não quero que águas passadas movam este velho moinho; façam os leitores de conta que o *Palanque* nunca se ausentou do *Diário*, e continuem a aturá-lo de manhã como durante um ano e quatro meses o aturaram a tarde.

Para terminar, confirmo o que ontem, ditado pelo coração, escrevi a respeito dos meus excelentes companheiros do *Novidades*.⁷²

A imprensa da segunda metade do século XIX fazia das suas páginas palco para ataques pessoais, brigas entre políticos, colunistas se desentendendo com outros colunistas ou até mesmo com os editores do jornal, entre outras afrontas que acometiam

⁷¹ NOVIDADES, 26 de março de 1887, I ano, n. 61, p. 01.

⁷² DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1 de agosto de 1888, IV ano, n. 1,145, p. 01.

aquele meio. Esses desentendimentos eram rotineiros nos jornais daquela época e eram mais comumente encontrados nas seções de crônicas, já que elas comentavam do cotidiano de determinada sociedade. Serviram como ingrediente para chamar mais leitores que se interessavam por essas desavenças.

A série “De Palanque” foi construída em meio a polêmicas do mundo jornalístico e isso fica em evidência quando percebemos as várias reclamações que Eloy, o Herói faz referente a sua relação com os editores do *Diário de Notícias*, principalmente no que diz respeito a falta de espaço para suas crônicas. Além dessas reclamações, é encontrado com frequência naquela seção diálogos com escritores que publicavam em outros jornais. Esses diálogos eram, às vezes, bastante ofensivos e se alongavam em vários números do “De Palanque”. É o caso do desentendimento de Eloy, o Herói com Valentim Magalhães, que era colaborador da *Semana*, da *Gazeta de Notícias* e amigo de longa data de Arthur Azevedo; a briga entre os dois escritores durou meses e sempre que Eloy, o Herói falava do assunto pedia licença aos seus leitores para falar da sua vida pessoal. O desentendimento teve início com Magalhães, discordando de uma publicação no “De Palanque” e, a partir disso, várias crônicas deram espaço a ofensas entre os escritores. O desfecho dessa história se deu quando finalmente os dois escritores entraram em acordo e preferiram zelar pela amizade e o respeito que existe entre ambos.⁷³

Outro indício que sustenta a criação dessa série em cima de polêmicas são as várias cartas que Eloy, o Herói recebia do seu público e às vezes publicava no “De Palanque” ou apenas comentava sobre o seu conteúdo. Nessas cartas, os leitores diziam o que achavam daquela série ou do próprio narrador; existiam críticas positivas, porém as mais encontradas eram as negativas que vinham acompanhadas de respostas do criador da série.

Neste capítulo, analisarei as crônicas publicadas entre junho de 1885 a dezembro de 1886 no *Diário de Notícias*, tentando observar como Eloy, o Herói se posicionava a respeito dos movimentos abolicionistas e como produzia reflexões sobre escravidão, política, arte e teatros em constante diálogo com o seu público. Pretendo também tentar compreender como o narrador se relacionava com as possíveis leitoras daquele periódico.

⁷³ Esse é mais um momento em que Arthur Azevedo se confunde com Eloy, o Herói e escritor e personagem possuem uma só voz. Eloy, o Herói se assume como Azevedo quando Valentim Magalhães faz ofensas ao próprio Arthur Azevedo. Essa discussão fará parte das considerações finais deste trabalho, mas é importante chamar a atenção do leitor para esses momentos.

É importante ressaltar que em meio aquele momento de tanta turbulência, como foram os anos de 1885 e 1886, as temáticas que selecionei são também as que mais ganharam destaque na série.

2.4 – A série “De Palanque”

Nesse sentido, o texto nada mais é que produção social, ancorado na realidade sócio histórica em que leitoras e escritores se inserem. Está implícito, nessa realidade, o lugar social que o escritor ocupa, a formação do público leitor e as condições impostas pelo mercado editorial. No entanto, a posição do escritor é de formador de opinião; por outro lado, ele sofre as influências das injunções de seu tempo, e complementa-se a isso o fato de o leitor não ser passivo e homogêneo, já que se encontra sempre inscrito no texto. A relação do leitor com o texto é viva e tensa, um diálogo entre sujeitos que trocam experiências por meio da prática cultural e plural da leitura.⁷⁴

No século XIX, conferiu-se à imprensa a função de cativar ainda mais os seus leitores para as letras, bem como o exercício de civilizar e educar o povo em geral. Como manobra para chamar a atenção do público, os colunistas deviam se utilizar de uma linguagem menos formal e de fácil compreensão já que tinham como concorrentes os periódicos ilustrados. Arthur Azevedo acreditava que tinha o ofício de educar seus leitores, assim, falando de teatro, literatura e arte, ele imaginava que exercia influência no gosto do povo.

No *Diário de Notícias*, existia a seção “Foyer” que publicava a agenda teatral da Corte e fazia propagandas dos principais teatros do Rio de Janeiro. O autor daquela coluna, cujo nome não sabemos, pois sua seção não era assinada, aproveitava e fazia comentários sobre o movimento teatral no mundo inteiro. Com o passar do tempo, Eloy, o Herói falava mais sobre teatros nas suas crônicas do que qualquer outro assunto, tornando o “De Palanque” concorrente do “Foyer”. Podemos ver como o nosso narrador

⁷⁴ OLIVEIRA, Cláudia. “Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado.” In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de & VELLOSO, Mônica Pimenta (orgs.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p.165.

trata o tema na crônica publicada em 8 de junho de 1885; ela é dividida em 5 asteriscos e todas as partes da crônica falam sobre teatro.

Eloy, o Herói, nos conta, na primeira parte da crônica, que foi apresentada no teatro Pedro II a peça *Rei dos Selvagens*, de Muniz, e que, anteriormente, o lugar havia sido reformado. Na segunda parte, diz que, em questão de atuação, *Rei dos Selvagens*, obra inspirada num drama francês, se tornou um forte concorrente de *O Guarany*, de José de Alencar, e fala também sobre os artistas que encenaram a peça de Alencar. Na terceira parte começa o “Falemos dos artistas”, percorrendo sobre cada ator que participou da peça de Muniz, sempre fazendo comparações com os que estrelaram *O Guarany*. Ele diz:

Falemos dos artistas:

Apollonia: É a mulher do senhor Porto, o rei dos selvagens. Tem o rosto de uma cor e os braços de outra. Questão de raça, talvez. Imprime certa vida ao papel, que aliás está aquém de suas forças.

Jacinta de Freitas: Mocinha branca, como lhe chama o Pery. Branca até demais, digo eu. Razoável.

Adelaide Pereira: Bonita e graciosa até o 3º ato. Dali para o desenlace um espanador ambulante.

Ferreira: É o terror dos Bosques. Muito feliz em algumas cenas. Mas que vestuário!

Porto: É o Pery, que, como seu homônimo brasileiro, sente uma força indômita. Infelizmente o artista não pode *exprimere* a conteúdo da crítica. Haja amor no diálogo de amor do 2º ato, em que desejamos o Pery patético. [...] ⁷⁵

Na quarta parte da crônica, seu narrador faz breves elogios à música de fundo do *Rei dos Selvagens*, e na quinta e última parte conta que Galvão, um ator famoso que queria interpretar Porto, criticou a interpretação do personagem. Ele mantinha essa estrutura frequentemente, quando o assunto do “De Palanque” era os teatros: falava da atuação de cada artista, do escritor da peça, da trilha sonora e às vezes do público, ocupando várias partes da mesma crônica com o tema.

Para além desses tópicos, percebemos nessa primeira crônica, que nosso crítico se preocupava com um ponto particular: enfatizar as descrições físicas dos artistas,

⁷⁵ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 8 de junho de 1885, I ano, n. 02, p. 01.

destacando a questão da raça, como que se isso interferisse na qualidade da apresentação. A esse fato, que pode soar até mesmo contrário a fala daqueles que se diziam abolicionista, podemos encontrar uma justificativa na própria figura e biografia de Arthur Azevedo, que em alguns momentos assume a fala do personagem Eloy, o Herói: seu marcante tom contraditório. A ambiguidade no seu discurso é, no entanto, razão para uma reflexão de que o narrador acredita que o negro tem a mesma (ou até melhor) capacidade que o branco, uma vez que Appolonia atuou melhor do que Jacinta de Freitas. Acreditando nisso, podemos deduzir que Eloy, o Herói faz questão de destacar a cor dos personagens para chamar a atenção dos seus leitores para o fato de que os negros estão ocupando outros espaços naquela sociedade.

A formação pensada para aquelas leitoras

O *Diário de Notícias*, como já vimos, foi um jornal pensado para o grande público e, de acordo com a análise feita do perfil daqueles leitores, as mulheres poderiam compor uma parcela desses leitores. No “De Palanque”, Eloy, o Herói, deixa claro que o público feminino acompanha sua série, então, para compreender como ele se relaciona com esse público específico, selecionei 3 crônicas da série que serão apresentadas e analisadas nesta monografia.

A primeira crônica selecionada foi aquela publicada em 4 de dezembro de 1885; ela é dividida em 3 partes e ambas falam sobre um livro de poesias. Na primeira parte, o narrador divulga um livreto de sonetos e poemas e diz que quem deveria se interessar por poesia era o público feminino e não o masculino. Quando o “De Palanque” fala sobre poesia ou literatura, o nosso narrador tem o costume de se referir ao público feminino, pois, para ele, apenas as leitoras possuem a sensibilidade para compreender o gênero. Ele diz:

O *Diário de Notícias* encarregou-me de fazer as honras da casa ao novo e formoso livro de Alberto de Oliveira: *Sonetos e poemas*.

Permitam, pois, os leitores, que eu hoje deite luminárias no palanque, e faça subir aos ares todas as girândolas do meu entusiasmo, todos os foguetes da minha admiração.

Bem adivinho ... bem vejo o leve sorriso irônico e malévolo, que arqueou neste momento os lindos lábios vermelhos da interessante leitora.

Eu digo – da leitora -, porque a mim bem pouco me importa o bom ou mau conceito em que me tenha o belo sexo masculino. Então quando trato de poetisas, mais do que nunca me esqueço de que no mundo há gente bárbara: os poetas inventaram-se para as mulheres: poetas por mulheres sejam lidos.⁷⁶

É interessante perceber, nesta primeira parte, que Eloy, o Herói faz propaganda dos sonetos de Alberto de Oliveira; isso é comum de ser encontrado no “De Palanque”, pois os editores do *Diário* davam a Azevedo a tarefa de divulgar alguns livros em sua coluna para contribuir na arrecadação financeira da folha. Um fato que merece atenção naquela propaganda é o modo pessoal que o narrador trata suas leitoras: uma linguagem que tenta claramente estabelecer uma conversa e os elogios conferidos a elas são marcantes. Esse formato de diálogo, de uma franca conversa entre autor e leitora, faz com que os dois se aproximem mais, criando uma relação que pode ser boa tanto para a venda dos *Sonetos*, quanto para os futuros textos do nosso narrador, já que se busca forjar uma afinidade intimista na interlocução. Além disso, é possível perceber, ao longo da série, que Eloy, o Herói se utiliza dessa tática sempre que está conversando diretamente com as mulheres.

A segunda parte dessa crônica é dedicada a uma crítica positiva e repleta de elogios à obra de Alberto de Oliveira. Na terceira parte, Eloy, o Herói conta um pouco da vida de Oliveira e reescreve um poema que está presente no livro *Sonetos e poemas*, tentando chamar a atenção das suas leitoras para a obra.

Outra crônica importante para refletir sobre o assunto é a de 23 de dezembro de 1885; ela é dividida em 4 asteriscos e as duas primeiras partes falam sobre mulheres e as outras duas sobre teatros. A primeira parte da crônica é reservada para falar sobre a educação das mulheres e o narrador traz para seu público um projeto de lei que proibia as mulheres de aprenderem a ler. Eloy, o Herói cita fragmentos da lei, que é de séculos atrás, e isso pode ser justamente uma forma encontrada de mostrar aos seus leitores e leitoras que a educação destinada às mulheres ser diferente daquela destinada aos homens era uma ideia medieval e atrasada. Podemos perceber o desconforto do narrador quanto a esse projeto em seu comentário final:

⁷⁶ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 4 de dezembro de 1885, I ano, n. 181, p. 01.

Se há assunto grave e complexo, que não pode ser tratado numa ligeira crônica, é o da educação das mulheres. Eu tenho ideias muito esquisitas a esse respeito, e, ingenuamente o confesso, tenho medo de externa-las assim a ligeira, entre duas facecias. Algum dia, que eu me achando com perfeita disposição de espírito para embarcar nessa galera, e expor-me ao vendaval da cólera feminina, não porei dúvida em atravessar a prancha que me separa da terra firme.

Por enquanto limito-me a oferecer ao leitor um documento bastante curioso. A *Revue rétrospective* transcreve-o de uma brochura anônima do ano IX, atribuída a Sylvain Marechal.

É um projeto de lei proibindo às mulheres aprenderem a ler:

<< Considerando os inconvenientes graves que resultam para os dois sexos, das mulheres saberem ler;

<<Que ensinar as mulheres a ler é uma obra má, prejudicial à sua educação natural, é um luxo cujo efeito foi quase sempre a alteração e ruína dos costumes;

<<Que essa flor da inocência que caracteriza uma virgem começa a perder o seu brilho e a sua frescura, desde o momento em que um mestre se aproxima;

<<Que a intenção da boa e sábia natureza foi que as mulheres, exclusivamente ocupadas nos cuidados domésticos, se honrassem de ter nas suas mãos, não um livro e uma pena, mas uma roca e um fuso;

<< Considerando quanto uma mulher que não sabe ler é cautelosa nos seus propósitos, pudibunda nas suas maneiras, parcimoniosa nas suas palavras, tímida e modesta fora de sua casa, como ao contrário, se ela sabe ler e escrever tem a inclinação para a maledicência, para o amor próprio e para o desdém a respeito de todos aqueles e aquelas que sabem menos;

[...]

Depois desta transcrição, julgo conveniente sangrar-me em saúde e varrer a minha festada: entre o que eu penso e o que pensa aquele singular projeto – vai um abismo.

O que desejo é a coisa mais natural deste mundo: é que as mulheres não sejam homens.⁷⁷

⁷⁷ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 23 de dezembro de 1885, I ano, n. 200, p. 01.

Na segunda parte da crônica é anunciada a apresentação de uma nova peça no teatro Recreio, chamada *Domador de Feras*. Nela, Eloy, o Herói faz elogios a atriz principal e diz: “Mas uma mulher instruída é – não há dúvida nenhuma – um ornamento social.”⁷⁸. Esta parte pode ser vista como um complemento da crítica ao projeto de lei presente na parte anterior da crônica, mostrando que, para o narrador, a boa educação e conhecimento das artes é fundamental na formação da mulher.

As duas últimas partes desse “De Palanque” falam sobre teatros. No terceiro asterisco é divulgada a peça *O Mandarin*, revista de ano de 1883, e na quarta parte Eloy, o Herói mostra um diálogo entre dois homens em um café sobre o espetáculo. Na conversa um dos homens diz que assistiu a peça em Paris, o que foi uma estratégia do narrador para mostrar o tamanho da sua repercussão.

A última crônica que selecionei para falar sobre mulheres é a de 5 de janeiro de 1886; ela é dividida em 3 partes e todas falam sobre a participação feminina na política. Na crônica, Eloy, o Herói pede às suas leitoras que façam aqui no Brasil a *Primrose League* inglesa – que é uma organização feminina que vai atrás de eleitores e divulga as propostas de determinado partido político – já que o país se encontra nas vésperas de eleições. A liga existia desde 1883 na Inglaterra e conseguiu garantir a eleição de um deputado, sobre a *Primrose*, o narrador diz:

Esta luta eleitoral despertou a curiosidade publica na Inglaterra, e um repórter da *Pall Mall Gazete* foi a Birmingham pedir a Lady Churchill minuciosas informações sobre a organização da liga.

Lady Churchill é uma linda moreninha, de origem americana.

<< A *Primrose League*, disse ela, tem apenas três anos de existência, mas conta já muitos milhares de associadas; tem-nas na Índia, na Nova-Gales e no Canadá. Em Birmingham temos quinhentas filiadas. Cento e tantas (provavelmente as mais bonitas) encarregam-se de visitar os eleitores. Cada uma delas incumbem-se de tal seção, de tal rua ou de tal quarteirão. Ainda agora visitaram-se algumas casas de gente pobre. Só uma vez aconteceu ser mal recebida uma das nossas delegadas. Os eleitores ouvem nossos argumentos e lêem as nossas circulares com muita atenção. Dizemos-lhes o que pensamos das questões do dia, do livre cambio, da propriedade das terras, da separação da Igreja e do Estado, etc.>>

⁷⁸ Idem, p. 01.

<<Quanto a mim, acrescentou Lady Churchill, visitei as principais fábricas da cidade. Os donos desses estabelecimentos, mesmo os que não eram do nosso partido, consentiram de muita boa vontade que eu fizesse discursos, e estes foram religiosamente ouvidos pelos operários.>>

<<Para falar aos eleitores, as mulheres tem muito mais habilidade que os homens. A princípio não nos tomaram a sério, mas hoje quase todos os candidatos recorrem ao nosso auxílio. Os nossos adversários ameaçam-nos com um processo, mas nós consultamos já os melhores jurisconsultos, e por esse lado nada receamos.>>

Foi nesses termos que Lady Churchill explicou ao jornalista inglês a organização e os fins dessa singular Liga da Primavera (orelha de urso), que ameaça tornar-se um fator importante da vida política inglesa.⁷⁹

Este “De Palanque” é importantíssimo para vermos como Eloy, o Herói se preocupava com o futuro das mulheres; ele acreditava que aos poucos elas poderiam ocupar novos espaços – que até então eram reservados apenas para o sexo masculino – e trazia esses assuntos em suas crônicas para incentivar suas leitoras. O narrador destaca o fato de Lady Churchill – fundadora da liga – ser negra, o que mostra sua preocupação em enfatizar a cor de suas personagens nas crônicas, nos fazendo acreditar que ele achava que as mulheres conseguiriam alcançar esses novos ambientes, independente se elas eram brancas ou negras. É importante também lembrar que ele tratava destes assuntos num periódico que tinha os homens como maior parte dos leitores. Por outro lado, talvez acreditasse que as mulheres compunham a maior parte de seu público leitor.

Na segunda parte da crônica, o narrador conta que o jornal francês que concedeu a entrevista com Lady Churchill também lhe contou que em 1784 uma duquesa de Devonshire empreendeu a mesma campanha da *Primrose League*, indo de porta em porta atrás de votos para o homem que amava. A diferença é que em vez de circulares e discursos ela tentava convencer o eleitorado com beijos.

Na última parte, Eloy, o Herói fala que aqui no Brasil há muito tempo existia influência feminina na política, mas isso acontece de forma fragmentada e sem um estatuto. Para ele, o ideal seria a formação de uma *Liga da Primavera* onde esposas e

⁷⁹ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 5 de janeiro de 1886, II ano, n. 213, p. 01.

filhas dos candidatos poderiam dar início às campanhas, mudando assim o cenário da política brasileira.

Os palcos fluminenses – Não há no mundo nada mais importante que a arte

Um dos temas mais recorrentes no “De Palanque” foi o que aconteceu nos palcos do Rio de Janeiro naquele momento. Sendo assim, selecionei duas crônicas para trabalhar o assunto. Para o nosso narrador, o teatro é um meio civilizador fundamental na formação não só das mulheres, mas também dos homens. A primeira crônica selecionada para falar desse assunto é aquela publicada em 21 de dezembro de 1885; ela é dividida em 5 partes e todas falam sobre arte.

Na primeira parte, é noticiada a estreia da peça *Os escravocratas ou a lei de 28 de setembro*, de Fernando Pinto de Almeida, no teatro Lucinda. Eloy, o Herói conta que Almeida confidenciou ao narrador o manuscrito de outra peça de sua autoria: *Azas de Ícaro*. Foram feitos muitos elogios a tal peça, e nosso narrador aproveitou a fala para passar uma lição ao público, a partir de sua interpretação da obra. Ele diz:

O assunto do drama é por demais escabroso; mas o autor soube trata-lo com tanta habilidade, que não há ali coisa que possa ofender o espectador mais melindroso.

Imaginem que o principal personagem das *Azas de Ícaro* é um certo Bento Peroba, redator de um papelucho muito parecido com o escandaloso *Corsário*, de lúgubre memória, e que a imprensa pornográfica é o pião em roda do qual giram todas as situações e todos os personagens da peça.

O Sr. Almeida extraiu desse assunto, que à primeira vista parece nada ter de teatral, todo o suco dramático que poderia dar. O alcance da peça é todo moral: ninguém, que assistir à sua representação, sairá do teatro sem levar no espírito a convicção de que, por todos os meios e modos, é necessário acabar de uma vez com essa imprensa que nos envergonha e nos desmoraliza, - e que o melhor meio de acabar com ela é não protegê-la, comprando os *Corsários* e seus congêneres.

Muito estimaria eu que qualquer das três companhias de drama e comédia, que atualmente funcionam no Rio de Janeiro, lançasse mão

desta peça brasileira, nimamente brasileira, que fatalmente despertará a curiosidade pública.⁸⁰

Muitas das peças comentadas por Eloy, o Herói em suas crônicas tinham como temática a escravidão, como é o caso de *Os escravocratas ou a lei de 28 de setembro*, primeira obra citada de Fernando Pinto de Almeida. Na segunda metade do século XIX, os dilemas familiares e sociais produzidos pela escravidão foram os principais assuntos que os teatrólogos usavam em suas peças – principalmente aqueles que eram abolicionistas declarados. Escritores como Fernando Pinto de Almeida, Arthur Azevedo, José de Alencar, Aluísio Azevedo, Moreira Sampaio, entre outros trabalharam com o assunto nas suas mais famosas obras.

Na segunda parte é divulgada a peça *Caboclo*, de Aluísio Azevedo e Emílio Rouéde, que seria representada no teatro Sant'Anna e teria Vasques, um dos atores mais conhecidos da época, interpretando o personagem principal. Sobre a peça, nosso narrador diz que não irá fazer comentários para não estragar a surpresa da plateia.

Na terceira parte é narrado um projeto de lei que proíbe qualquer um de tocar piano em suas residências com as janelas abertas e exige que quem desejasse possuir este instrumento deveria pagar um imposto. Isso, provavelmente, é uma brincadeira do narrador, pois além de ser uma das características da sua escrita ironias e brincadeiras, ele deixava bem claro que para tocar piano era necessário ter talento e conhecimento do instrumento. Eloy, o Herói aproveita o assunto anterior para dizer na quarta parte da crônica que, se as senhoras tocassem bem o piano, e se dedicassem ao instrumento, não haveria queixas. Na última parte, o narrador transcreve um poema de Olavo Bilac e o dedica à “inteligente leitora”.

Eloy, o Herói se importava com o que acontecia nos palcos fluminenses e dedicava várias de suas crônicas ao assunto. E é nesse interesse pela temática teatral que podemos perceber certas semelhanças entre Eloy, o Herói e Arthur Azevedo; para ambos, frequentar teatros era fundamental na vida de qualquer cidadão. Em alguns momentos, o personagem Eloy, o Herói sai de cena e Azevedo assume a escrita da crônica, pois o autor, em sua vida cotidiana e intelectual, tinha grande preocupação com os teatros – tanto no que se diz respeito a encenações, quanto na edificação das casas teatrais, visto que ele foi

⁸⁰ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 21 de dezembro de 1885, I ano, n. 198, p. 01.

um dos principais nomes a estar constantemente lutando para a construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (que aconteceu em 1904). Para Azevedo, o teatro era o principal meio de divertimento carioca, assim, o poder público deveria administrar e investir nos palcos. Dessa forma, quando ele está falando sobre os palcos fluminenses, podemos presumir que existe uma mescla na narrativa entre personagem e autor.

A segunda crônica que trago para analisar como Eloy, o Herói fala sobre teatros com seus leitores e leitoras é a de 26 de março de 1886; ela é dividida em 4 partes que falam exclusivamente sobre uma artista.

Na primeira parte, o narrador conta um pouco da história de vida da atriz Jesuína Montani, que até então estava esquecida pelos palcos, e faz um apelo ao público para que vejam suas novas peças em cartaz. Na segunda e na terceira parte da crônica, é dada continuidade a história de Montani e nosso narrador faz vários elogios ao talento e força de vontade daquela atriz, dizendo que para seguir carreira nos palcos é preciso dedicação total e alguns sacrifícios pessoais dos artistas. No terceiro asterisco, ele diz:

Ela aqui está, a Jesuína, sadia, robusta e bem disposta, apesar de todas as suas atribulações: dir-se-ia até que estas não lhe têm dado tempo para envelhecer. Ora, o teatro brasileiro conta tão poucas atrizes, que na realidade de modo algum devemos deixar para o canto, injustamente esquecida, essa, que tão bons serviços poderá ainda prestar.

Hoje faz ela benefício, concorra o público a esse espetáculo, aplauda-a, e seja essa prova inequívoca de animação e apreço o primeiro movimento para restituir ao teatro uma atriz, a quem a natureza, mais generosa que o tempo, não deu ainda o direito de descansar.⁸¹

Eloy, o Herói, em suas crônicas, comentava de forma bem detalhada sobre todas as peças que estavam em cartaz no Rio de Janeiro; quando ele gostava do espetáculo fazia vários elogios e se utilizava de uma linguagem quase suplicante, convidando seus leitores a irem assisti-las e, quando não gostava, fazia suas críticas, mas sempre deixava claro que o importante era frequentar os teatros. Podemos ver como o narrador costumava se expressar, quando conversava sobre os palcos fluminenses, com aqueles leitores. Na última parte desta crônica, ele diz:

⁸¹ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 26 de março de 1886, II ano, n. 292, p. 01.

Nunca ninguém apelou debalde para o largo coração do nosso público, aberto a todos os bons sentimentos. Se algumas vezes ele é mais tolerante que condescendente, ou mais condescendente que justo, - como quiserem – ainda aqui se revela magnânimo e sobranceiro.

O público fluminense é o ideal dos públicos: essa é a opinião de todos os artistas que aqui tem vindo, dede Lapuerta e Thalberg até o capitão Martinez. Por que não há de ser essa a opinião da Jesuína Montani?⁸²

Rumo à abolição

Desde que no Brasil há jornais e periódicos, os respectivos leitores regalam-se, sob o título, que é sempre o mesmo, de *Scenas da escravidão*, com suculentas notícias das coisas mais extraordinárias do mundo.

Mas hão de convir que, em geral, as circunstâncias pouco variam: é outro o lugar da ação, os personagens são outros; mas, no fundo, é sempre o mesmo drama pantafaçado e sombrio.

O ódio do escravo contra o senhor ainda fornecerá – e por muito tempo, infelizmente – assunto para os noticiários e gazetinhas.⁸³

Política ou os rumos da escravidão não eram temas muito recorrentes no “De Palanque”, mas sempre que um fato importante ou inusitado acontecia na Corte, Eloy, o Herói não deixava de compartilhar com seus leitores e leitoras. Na crônica de 21 de setembro de 1885, por exemplo, o narrador conta, na primeira parte, sobre dois donos de um mesmo escravo que se viram obrigados, por necessidades da vida, a vendê-lo. Aconteceu que esse escravo fora criado com um desses donos e até dividiram a mesma ama de leite. No dia seguinte à venda, aquele senhor foi encontrado numa cidade vizinha completamente enlouquecido e atribuíram sua falta de sanidade a venda daquele cativo.

O que o cronista pensa a respeito dessa história é deixado para a segunda parte da crônica. Ele aproveita para fazer um comentário sobre a boa relação entre escravo e senhor. Eloy, o Herói diz:

Joaquim Afonso enlouqueceu porque foi obrigado a vender o seu irmão de leite? Duvido, porque, se lhe tivesse tanta amizade, Joaquim Afonso não seria senhor do seu amigo. Não compreendo

⁸² DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 26 de março de 1886, II ano, n. 292, p. 01.

⁸³ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 21 de setembro de 1885, I ano, n.107, p. 01.

que um homem seja amigo de outro a ponto de enlouquecer por seu respeito, e conserve o direito de o chamar de escravo.

É muito comum dizer-se no Brasil: - Oh! Fulano é muito amigo dos seus escravos! – ou ainda mais: - Beltrano para os seus escravos não é um senhor: é um pai! – Não há nada mais ... mais ... como direi? ... mais sacrílego! Sim, que é sacrilégio fazer semelhante emprego desses dois vocabulários: *amigo* e *pai*.

Procurem outra causa para justificar a demência de Joaquim Afonso: tudo menos essa ternura absurda pelo miserável escravo que vendeu.⁸⁴

Eloy, o Herói deixa claro, mais uma vez (e talvez mais evidente ainda), neste trecho destacado, sua posição quanto à abolição, que para ele deve ser imediata. Enquanto alguns contemporâneos do nosso autor pregavam que a escravidão poderia continuar válida, se os senhores mantivessem uma relação harmoniosa com os seus escravos, Eloy, o Herói simplesmente observa que isso é até mesmo um “sacrilégio” – nos mostrando que a libertação daqueles que eram mantidos sob a servidão deveria acontecer já, sem brechas ou exceções.

Antes de chegar nas outras partes da crônica, Eloy, o Herói diz que tentará terminar a publicação jocosamente para suavizar o tom carregado que o elemento servil levou ao artigo. Então, na terceira e quarta parte, é contado o retorno de um importante fazendeiro fornecedor de leite ao Brasil e, no último asterisco, ele publica um poema referente à alta sociedade.

Outro “De Palanque” importante para trabalhar este tema foi o publicado em 8 de dezembro de 1885; ela possui apenas uma parte. Eloy, o Herói dedica a crônica para falar sobre os capoeiras – para o narrador, os “perturbadores da tranquilidade pública”. Ele conta que naquele momento, o Rio de Janeiro se encontra em alerta com os ataques frequentes e violentos dos grupos de capoeira “nagôas” e “guayamús”. Os “nagôas” e os “guayamús” foram dois grupos cariocas praticantes da arte capoeira conhecidos por suas habilidades em lutas e o uso de navalhas; o primeiro era composto apenas por escravos africanos, e o segundo formado por mestiços e imigrantes.

⁸⁴ Idem, p. 01.

Nesta crônica, é interessante notar que Eloy, o Herói está conversando sobre o assunto com as mulheres, dizendo “amáveis leitoras”. O narrador continua o assunto afirmando que os capoeiras atacam principalmente pessoas ligadas à imprensa carioca e que ele mesmo precisa ficar atento ao andar pela cidade. O receio da população carioca em relação àqueles ataques fica evidente na narrativa e, no seguinte trecho, é possível perceber a força que os dois grupos estava ganhando:

Confesso ingenuamente à minha poltroneria: se não fosse a carga cerrada em que toda a imprensa tem nestes últimos dias disparado contra os capoeiras, eu não me animaria a embarcar nesta galera. Mas já agora somos tantos que, espero em Deus, a minha pança passará incólume no meio das hostes aguerridas. A menos que esses ventrífobos cometam a imperdoável injustiça de me eleger cabeça ... digo: barriga de turco.

Ainda assim, falta-me a coragem para dizer que o fato, verificado pela imprensa, de haverem sido arvorados em agentes da <<secreta>> alguns membros proeminentes dos dois partidos litigantes, o guayamú e o nagôa, fazem-me desconfiar da integridade do Sr. Chefe de polícia.

Neste andar, galgando os capoeiras a escala das posições administrativas, a ponto de ganharem influência tal, que possam distribuir entre si os cargos públicos, dentro em alguns anos não haverá conservadores nem liberais senão nagôas e guayamús. A nossa sociedade chegará nessa época à perfeição almejada por certos funcionários públicos.

Mas espero em Deus e na Virgem Santíssima que outro chefe virá de honrada fama, e consigo trará a inabalável resolução de dar cabo dos heróis da rasteira e da cabeçada, para que esta cidade apresente, afinal, aspecto de civilizada, e eu e os meus colegas possamos andar por essas ruas de cabeça ... digo: de pança erguida.⁸⁵

⁸⁵ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 8 de dezembro de 1885, I ano, n. 185, p. 01.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eloy, o Herói: Um narrador entre dois periódicos

A pesquisa que originou nesta monografia compreendeu um estudo de crônicas em periódicos no cenário fluminense nas últimas décadas do século XIX. A partir das crônicas – que na época poderiam até ser consideradas inocentes para o legado histórico – foi possível fazer uma análise de aspectos fundamentais daquela sociedade e dos assuntos que estavam sendo mais comentados, como por exemplo, a preocupação com a educação para as mulheres, a política, a influência dos teatros naquela sociedade e os rumos que a escravidão estava tomando no Brasil.

Desta forma, podemos levantar algumas considerações a respeito do diálogo permanente entre imprensa e história, a partir da pontuação de aspectos que são fundamentais para a compreensão do texto publicado em revistas, jornais e folhetins em relação com a pesquisa historiográfica.

Tratar a imprensa como fonte para uma pesquisa de história implica observar diversos fatores que são, de certa forma, aparentes e objetivos em uma breve consideração desse documento. Entretanto, embora seja até mesmo visível, investigar é preciso: analisar qual é o público alvo de determinada publicação e como essa chega aos seus leitores; como a editoração é organizada; qual o preço vinculado no mercado; como se dá a aparência física do jornal (tratando aqui da qualidade do papel e de impressão, da presença ou não de ilustrações); o tempo que a jornal ficou em circulação e como os leitores dialogavam com os números publicados são elementos fundamentais para entender certa sociedade – essa, que é consumidora e influente como material de notícias para a imprensa.

Portanto, levantar todos esses aspectos em um estudo de documentos foi de grande importância para dialogarmos, posteriormente, com o subjetivo: que são os vestígios que o autor deixa em seus textos que refletem posicionamentos particulares a respeito da sociedade em que ele vive. Aqui, vale a pena historicizar o nosso cronista. Como já apontado, Azevedo passava por um momento de transformações na sociedade carioca da segunda metade do século XIX, e a inserção da mulher nesse meio, bem como a questão da abolição dos escravos foram temas recorrentes em seus escritos. A análise de diversos textos do autor já foi feita nesta pesquisa e o que temos a seguir é a reflexão sobre uma

das particularidades do escritor: a utilização do pseudônimo Eloy, o Herói. Compreender como Azevedo incorporava seu personagem é um dos pontos para discutirmos mais sobre essa subjetividade, que não pode ser ignorada, quando o historiador se propõe a trabalhar a imprensa como fonte histórica.

Arthur Azevedo publicava sob o pseudônimo Eloy, o Herói em dois jornais diferentes, que também mantinham propostas específicas. *A Estação*, que era uma revista destinada às mulheres, era dividida em dois cadernos: um de moda e outro de literatura. Era uma revista destinada à família, porém, como vimos naquilo que se refere ao seu perfil de leitores e leitoras, podemos afirmar que a maior parte do público era composto por mulheres. A revista acreditava que a leitura de todas as suas seções oferecia às mulheres uma formação completa. Já o *Diário de Notícias*, que era um jornal destinado ao grande público, possuía a estrutura de um periódico informativo. Era um noticiário que trazia tanto seções para homens, quanto mulheres, para pobres e ricos.

Nestas considerações finais é imprescindível tentar compreender a independência do personagem Eloy, o Herói com relação ao seu criador, Arthur Azevedo. Para isso, precisamos tentar entender se Eloy, o Herói apresentava, em ambas as publicações estudadas, o mesmo perfil, ou seja, se era um narrador com as mesmas características, que defendia ideologias idênticas. Para comparar a narrativa de Eloy, o Herói na “Croniqueta” e no “De Palanque”, podemos começar falando sobre o que aquele narrador pensava a respeito do espaço que as mulheres deveriam ocupar naquela sociedade. No primeiro capítulo, vimos que para Eloy, o Herói, era importante informar às mulheres sobre o que acontecia na política brasileira, e mesmo que isso aparentemente acontecesse a seu contragosto, o narrador estava formando leitoras aptas a diálogos políticos e que tinham acesso às mesmas informações que os homens. Nosso narrador insistia em dizer que política não era do interesse das mulheres, mas o próprio insistia no assunto, deixando claro que aquela era uma forma encontrada por ele de provocar e incentivar suas leitoras. Tratando das crônicas no “De Palanque”, no meu segundo capítulo, Eloy, o Herói vai além de manter sua posição de defesa em informar e dialogar sobre política com as mulheres; ele nos responde uma problemática.

Para além de suas provocações, o narrador encontrado no *Diário de Notícias* acreditava que a mulher deveria estar por dentro dos acontecimentos políticos, mas, para ele, as mulheres também deveriam participar da política? Essa resposta pode ser

encontrada, quando o narrador fala da *Primrose League*⁸⁶, na crônica publicada no “De Palanque”, em 5 de janeiro de 1886. A crônica foi analisada em meu segundo capítulo, e nela o narrador mostra, utilizando-se do modelo de Lady Churchill (fundadora da liga), que as mulheres estavam conquistando novos espaços na sociedade do final do século XIX. Eloy, o Herói destaca que Lady Churchill é uma mulher negra, mostrando que ele acreditava no potencial feminino independentemente da cor da pele.

Tanto nas “Croniquetas” quanto no “De Palanque”, Eloy, o Herói demonstra grande preocupação com a educação recebida pelas mulheres. Ele salienta que a arte é fundamental para uma boa educação e tenta convencer suas leitoras de que a forma mais eficaz de contribuição na sua formação cultural é a ida aos teatros. Para chamar seu público para os palcos, Eloy, o Herói cita nas duas séries a atriz Sara Bernhard, dizendo que aquele era um modelo de mulher e talento – para ele, o teatro é um dos meios para educar o povo, então no “De Palanque” o narrador chama a atenção para os palcos não só das mulheres, mas sim de todos os leitores.

Quando o narrador das duas séries fala sobre modelos de mulheres, e cita para isso mulheres europeias, como por exemplo, Lady Churchill e Sara Bernhard, nos faz levantar mais problemáticas. Para Eloy, o Herói, a mulher brasileira deveria se espelhar no modelo europeu? É lá no velho continente que temos o ideal feminino? Aqui aparece mais um momento de contradição do narrador; ele afirma tanto na *Estação* quanto no *Diário de Notícias* que o Brasil está perdendo seu tom característico, seguindo os ideais de progresso europeus, mas quando o mesmo dá “bons exemplos” aos seus leitores, se utiliza de personagens estrangeiros, nunca de figuras nacionais. Nesse momento, Eloy, o Herói se assemelha com seu criador, Arthur Azevedo: Azevedo foi o maior defensor da criação de um teatro de produção nacional, porém em meio a sua luta foi na reprodução de gêneros teatrais franceses que ele se consagrou, sendo por isso muito criticado pelos intelectuais.

Outro indício da proximidade na fala de Eloy, o Herói na “Croniqueta” e no “De Palanque” está, quando o narrador fala sobre a escravidão no Brasil: na narrativa, são proferidos verdadeiros discursos abolicionistas. Em tais crônicas, podemos observar a mesma linguagem dramática, as mesmas reclamações sobre a demora de D. Pedro II em

⁸⁶ Organização inglesa de mulheres que vão atrás de eleitores e divulgam as propostas de determinados partidos políticos.

libertar todos os escravos e a culpa que o narrador atribuía a esta situação ao Partido Conservador.

O que mais me faz acreditar que Eloy, o Herói é o mesmo personagem tanto na *Estação*, quanto no *Diário de Notícias* – além de as ideias defendidas por ele serem as mesmas nas duas séries – é quando o narrador publica a mesma crônica nos dois jornais. Isso acontecia ocasionalmente, mas mostra que existiam certos momentos em que as duas séries eram uma só. É interessante perceber também que em alguns casos as datas do acontecido não coincidiam, tendo às vezes, meses de distanciamento da publicação, mostrando que o narrador tornava a publicar aquela notícia com alguma estratégia e intuito.

Um exemplo de casos de republicação aconteceu na crônica que levei para análise, quando discutimos sobre os rumos da abolição, em meu primeiro capítulo: a “Croniqueta” publicada em 31 de outubro de 1886, que fala do assassinato da escrava Joanna pela sua senhora. Essa crônica foi publicada no “De Palanque”, meses antes, em 16 de fevereiro de 1886, e só foi aparecer na outra série em outubro. Havia um motivo para o narrador se lembrar das palavras que publicou meses atrás; uma única frase foi acrescentada – na crônica de fevereiro a senhora que assassinou Joanna foi apenas acusada do crime e em outubro ela foi julgada e sentenciada, mas essa última informação não apareceu nem em nota no “De Palanque”. Pelas temáticas que Eloy, o Herói estava levantando em outubro nas “Croniquetas”, podemos dizer que a abolição estava em alta e, para o narrador, aquela crônica que falava da propaganda abolicionista ser feita pelos próprios escravos encaixava no contexto do momento e deveria ser republicada; Eloy, o Herói podia contar a história de Joanna naquela “Croniqueta” e noticiar o julgamento da assassina que acabara de acontecer, mas preferiu buscar seu texto antigo publicado meses antes.

Durante a pesquisa dos dois capítulos, foi possível perceber momentos em que Eloy, o Herói e Arthur Azevedo se confundem na narrativa. Além desses momentos, em algumas crônicas presentes no *Diário de Notícias*, Eloy, o Herói se assume como Azevedo. Para analisar essa difícil relação entre narrador e autor, separei algumas crônicas do “De Palanque”.

A primeira crônica que trago é aquela publicada em 6 de julho de 1885; ela possui apenas uma parte na qual Eloy, o Herói publica uma carta de “seu melhor amigo”, Arthur

Azevedo. Na carta, Azevedo conta ao narrador da série que foi encarregado de traduzir a peça *Casamento de Fígaro* e que tal tarefa foi muito difícil. Ele ainda contou que encontrou ânimo para a realização do trabalho no reconhecimento e elogios proferidos a ele por Machado de Assis, Moreira Sampaio e Furtado Coelho, além de algumas declarações de jornais, dizendo que a peça fora traduzida por ele – o que dizia já ser grande coisa, pois alguns jornais sequer mencionaram seu nome ao falar da obra. Eloy, o Herói finaliza a publicação, fazendo insinuações de que seu verdadeiro nome é conhecido: “Limito-me a publicar a carta do meu maior amigo, porque, se eu tratasse do assunto como coisa minha, haviam de dizer por aí que era – elogio mútuo – e não quero graças, principalmente com o Escaravelho, que cada vez está mais rabugento e picante.”⁸⁷

A segunda crônica que selecionei é a publicada em 1º de setembro de 1885; ela foi dividida em 7 partes que são tomadas por um assunto pessoal do narrador. Eloy, o Herói conta para seus leitores sobre os ataques que estava recebendo de Rialto, escritor da seção “Entrelinhas”, publicada na *Gazeta de Notícias*. Rialto dedicou seu texto na *Gazeta* para falar da “insuficiência literária” do nosso narrador, quando fazia críticas teatrais. Uma vez que Eloy, o Herói já havia feito insinuações a respeito de sua identidade, é possível que tais críticas possam ter se estendido ao próprio Azevedo, já que na época o autor era um crítico teatral renomado. A crônica é encerrada da seguinte forma: “E eu peço desculpa ao leitor, por ter enchido cento e tantas linhas do *Diário de Notícias* com um fato pessoal.”. Mesmo que o autor da série “Entrelinhas” não tivesse conhecimento de que Azevedo era o criador de Eloy, o Herói, é possível perceber que aquelas críticas o atingiram e foram levadas para o lado pessoal.

Outra crônica selecionada é a de 15 de dezembro de 1885. No texto publicado naquele “De Palanque”, Eloy, o Herói conta sobre sua história de vida e se assume como Arthur Azevedo. A crônica é dividida em 4 partes; na primeira o narrador responde a uma provocação de Valentim Magalhães⁸⁸ e faz uma comparação entre a vida dos dois. Na segunda parte é citado um pedaço da crítica de Magalhães e o narrador faz um comentário sobre aquilo e, nas duas partes finais, Eloy, o Herói continua dando sua opinião sobre o caso. Na citação seguinte, retirada da primeira parte da crônica, o narrador conta do início

⁸⁷ *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 6 de julho de 1885, I ano, n.30, p. 01.

⁸⁸ Ver item 2.3 – Arthur Azevedo no *Diário de Notícias*, que fala sobre a briga entre Valentim Magalhães e Eloy, o Herói.

das desavenças com Magalhães, fala de partes da sua vida e assuntos que são da particularidade de Arthur Azevedo. Ele diz:

Há dias, a propósito do suicídio do menino Castilho, eu escrevi estas palavras: <<Mas, piedade a parte, que homem daria uma criança que pensa em morrer na idade em que as outras crianças só pensam em brincar? Que trinta anos dariam aqueles treze anos?>> Valentim Magalhães, num belo e comovente artigo, publicado na *Semana*, achou as minhas palavras <<de uma filosofia tão cruel quanto banal>>.

Ora, com franqueza, nesta questão é natural que o meu objetivo seja mais exato que o de Valentim Magalhães ...

Eu me explico: O ilustre moço foi criado com todo o mimo, e ainda hoje – francamente – é o tipo melindroso do menino brasileiro; esteve de pensionista num colégio onde nada lhe faltava; frequentou durante cinco anos a academia de S. Paulo, com larga e pronta mesada, e ali conquistou esse pergaminho que é o <<Sésamo, abre-te>> de todas as posições sociais na nossa terra; logo depois de formado, esposou por inclinação a priminha de quem era noivo desde pequerrucho. Nunca lhe faltaram cuidados de família. Jamais conheceu a *quebradeira*, na acepção fundamental e genuína deste vocábulo medonho.

Agora eu: aos 13 anos, em 1868, justamente na idade que o menino Castilho se enforcou, tiraram-me dos estudos, e <<arrumaram-me>> numa casa de comércio, donde só saía para ver minha mãe (e estava a duzentos passos dela) de quinze em quinze dias, e onde o meu emprego consistia em varrer duas e três vezes por dia o armazém e o escritório, e de manhã muito cedo dar a bomba num poço e encher uma tina d'água para a mulata do meu patrão tomar banho.

Ordenado nenhum; davam-me casa e comida; naturalmente não achavam pouco ...

Não tenho a ridícula pretensão de fazer aqui a minha autobiografia. Basta confessar que, depois de numerosas peripécias, cheguei ao Rio de Janeiro aos dezenove anos, com um número igual de ilusões e de cartas de recomendação, mas sem vintém no bolso. As ilusões, guardei-as – por sinal que ainda conservo algumas. Quanto as cartas de recomendação, só me servi de quatro, e rasguei as outras quando um senador da minha terra, depois de ler a quarta, em que lhe diziam que eu era um rapaz inteligente e com muita disposição para as letras, ofereceu-se para arranjar-me um

lugar de condutor de bonde, e ainda era preciso que eu pedisse emprestados a um usuário os 200\$ precisos para a respectiva fiança. Agradei e recusei a proteção do grande homem <<apesar de que (acrescentei), num lugar de condutor de bonde, como em qualquer outra posição que estivesse reservada aos meus acanhados méritos, eu teria o prazer de ver sempre S. Ex. adiante de mim ...>> O que equivaleu a chamar-lhe burro.

Durante muito tempo fui mestre de meninos, adjunto a certo colégio, e os meus únicos recursos eram 40\$000 com que o dono do estabelecimento remunerava (por não poder fazê-lo melhor) as seis horas de serviço diário que eu lhe prestava. Com esse dinheiro eu, que não era nenhum Bocage, tinha que pagar casa, comida, roupa, calçado e tabaco.

E o caso é que os 40\$000 réis e eu entendíamos-nos perfeitamente, se bem que nos separássemos no primeiro do mês, para não nos tornarmos a ver senão dali a trinta dias. Mas o meu bom humor, esse é que, graças a Deus, nunca se separou de mim.

Portanto, não é muito que um sujeito pudesse resistir, e ainda hoje resiste heroicamente, a tantas dificuldades, ponha de parte o sentimento, todo individual, da piedade, quando se trata de comentar publicamente um fato cujo exemplo lhe parece pernicioso.⁸⁹

O “De Palanque” de 24 de dezembro de 1885, a quarta crônica que selecionei, é dividido em 3 partes; na primeira parte são feitas críticas à imprensa carioca, na segunda é colocada uma carta de um escritor, ironizando a briga entre Eloy, o Herói e Valentim Magalhães e, na última parte, o dono da série responde a carta do tal escritor. É importante ressaltar como essa crônica foi assinada: não veio Eloy, o Herói como de costume, mas sim Arthur Azevedo. Quando o narrador da série falava sobre assuntos pessoais, como esse, ele pedia licença aos seus leitores, mas sempre assinava com seu pseudônimo. Neste “De Palanque”, no entanto, Azevedo quis deixar claro de quem eram aquelas palavras.

Também podemos ver momentos em que Azevedo é mencionado de maneira rápida nas crônicas. Na primeira parte do “De Palanque”, de 1º de fevereiro de 1886, por exemplo, o narrador conta aos seus leitores que a peça *O Bilontra*, que acabara de entrar em cartaz, é de sua autoria. Logo depois, aparece, na parte de anúncios do *Diário*, o cartaz de divulgação da peça com a assinatura de Arthur Azevedo. Quando Eloy, o Herói fala

⁸⁹ *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 15 de dezembro de 1885, I ano, n.192, p. 02.

da peça, temos a impressão de que aquela informação não era segredo e ele se assumir como Arthur Azevedo não era inédito. Ele diz:

Poucos ignoram, cuido, que o escritor desta seção é um dos autores do *Bilontra*: não há, pois, estranhar que eu venha, em meu nome e em nome do meu colaborador, agradecer a benevolência e a distinção com que fomos ante-ontem tratados pela ilustríssima imprensa desta capital.⁹⁰

Na segunda parte daquele “De Palanque”, o narrador se dedica a falar dos aspectos da peça *O Bilontra*. Eloy, o Herói se revela como Arthur Azevedo, deixando claro que aquela opinião é sua e de seu autor, independente do que pensa o outro autor da peça:

A este ponto respondo só por mim, pois o meu colaborador nunca manifestou publicamente o seu entusiasmo pela eminente atriz italiana. Eu jamais beijei a fimbria do vestido de Duse: sou gordo e custa-me abaixar, mesmo diante de quem tem muito talento. Confesso, todavia, que lhe teci os maiores, mais públicos e mais sinceros elogios, levando o meu entusiasmo ao extremo de perpetrar alguns versos, e até de recitá-los num camarote do S. Pedro.⁹¹

Finalmente, quanto à sua identidade, podemos observar posturas distintas do narrador n’*A Estação* e no *Diário de Notícias*. Nas falas de Eloy, o Herói, nas “Croniquetas”, é possível observar o mesmo discurso com os mesmos ideais de Azevedo, quando o assunto era abolição da escravidão e política. Quando a atriz Sara Bernhard aparece naquele série, a fala apaixonante do escritor também pertence a Azevedo⁹². No entanto, é no *Diário de Notícias* que o narrador se assume como Arthur Azevedo em vários momentos; uma hipótese para isso é de que apenas naquele jornal o cronista encontrava espaço para essas revelações. Fazia parte do perfil dos jornais destinados ao grande público apelar para brigas e desentendimentos pessoais – isso aparecia principalmente nas seções de crônicas – e no “De Palanque”, seus leitores se deparavam com essa situação frequentemente. Já a *Estação*, que se dizia uma revista destinada à família, não tinha espaço para tais ataques.

⁹⁰ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1 de fevereiro de 1886, II ano, n. 240, p. 01.

⁹¹ Idem, p. 01.

⁹² Ver título “A formação pensada para aquelas leitoras” do item 1.4, que fala sobre a admiração de Azevedo pela atriz.

Depois desses levantamentos, é possível refletir sobre o porquê de Arthur Azevedo criar o personagem Eloy, o Herói. Uma hipótese possível é a de que ele criou um pseudônimo para mostrar que sua fala e suas ideias não faziam parte de um pensamento individual que se restringia apenas a uma pessoa, mas que alcançava o pensamento de uma parcela da sociedade que também se via incomodada com os temas abordados por ele, principalmente a abolição da escravidão e a preocupação com a educação das mulheres. Nas crônicas que Eloy, o Herói se assume como Azevedo, vimos que ele está falando de problemas pessoais, mas quando o assunto tratado aborda outros aspectos daquela sociedade, o cronista assina com o pseudônimo. Portanto, podemos refletir: a presença da assinatura daquele personagem nos faz pensar em uma assinatura geral, de uma parcela da sociedade que anseia mudanças, que visa o progresso, que quer o novo, acreditando que tais transformações discutidas neste trabalho são o que havia de melhor para a sociedade brasileira.

Minha última reflexão é a respeito do que Azevedo queria dizer com o pseudônimo Eloy, o Herói. É possível que Azevedo acreditasse que seu personagem fosse o “salvador”, o “Herói”, ou porta voz do que seria o progresso brasileiro. Alguém que propunha reflexões referentes à sociedade carioca e seu comportamento, diante de debates políticos e sociais, e que tinha as respostas para a problemática do avanço e da modernização.

FONTES

ESTAÇÃO: Jornal ilustrado para a família, A.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=259&sid=281>.

Acesso em: 13/12/2014.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Disponível em:
<http://www.tse.jus.br/eleitor/glossario/termos/lei-saraiva>. Acesso em: 22/01/2015.

BIBLIOGRAFIA

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: Ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo, Companhia das Letras; 2001.

_____. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas: Capítulos de História Social da Crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo (org.). *A História Contada, capítulos de história social da literatura*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1998.

CRESTANI, Jaison Luís. “O perfil editorial da revista *A Estação: jornal ilustrado para a família*”. Revista Anpoll, Vol.1, nº25, 2008.

FREIRE, Maria Martha de Luna. “Introdução” e “As múltiplas faces da mulher moderna”. In: *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2009.

GARZONI, Lerice de Castro. *Arena de combate: gêneros e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX)*. Tese de doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. “Segunda História: A última vontade de Dona Inácia: o patriarcado confirmado”. In: *Caetana diz não: história de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de & VELLOSO, Mônica Pimenta (orgs.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

LONER, Beatriz Ana. *A Loteria do Ipiranga e os trabalhadores: um sonho de liberdade no final do século XIX*. História (São Paulo) v. 33, n.1, p.195-233, jan/jun, 2014.

MACHADO, Maria Helena. “Corpo, gênero e identidade no limiar da abolição: a história de Benedicta Maria Albina da Ilha ou Ouvidia, Escrava (sudeste, 1880)”. In: *Afro-ásia*, 42 (2010), 157-193.

MEGID, Daniele. *Mulheres de Jornal: personagens femininas em romances-folhetins de Machado de Assis*. Monografia: Campinas, 2009.

MENCARELLI, Fernando Antonio. *Cena Aberta: A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1999.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do império”. In: GRINBERG, K. & SALLES, R. (orgs.). *O Brasil Imperial, volume III: 1870 – 1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.

SICILIANO, Tatiana Oliveira, “Introdução” e “A Imprensa no Rio de Janeiro e o Jornalista Arthur Azevedo”. In: *O Rio de Janeiro de Arthur Azevedo: cenas de um teatro urbano*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.

SILVA, Esequiel Gomes da. “De Palanque”: *as crônicas de Arthur Azevedo no Diário de Notícias (1885/1886)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. *Contos de Machado de Assis: Leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Unicamp: dissertação de mestrado em História, 2005.

_____. “*A locomotiva intelectual*”: a publicação dos contos de Machado de Assis nos periódicos fluminenses. 2006. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/ORDEM%20ALFAB%C9TICA/Daniela%20Magalh%C3es%20da%20Silveira.pdf>